

ANTONIN ARTAUD

**HELIOGABALO
OU
O ANARQUISTA COROADO**

TRADUÇÃO DE MÁRIO CESARINY

HELIOGABALO
OU
O ANARQUISTA COROADO

ANTONIN ARTAUD

HELIOGABALO
OU
O ANARQUISTA COROADO

TRADUÇÃO DE MÁRIO CESARINY

TÍTULO DO ORIGINAL: *HELIOGABALE, OU L'ANARCHISTE COURONNÉ*

© ÉDITIONS GALIMARD, 1967

E

© ASSÍRIO & ALVIM

COOPERATIVA EDITORA E LIVREIRA, CRL

RUA PASSOS MANUEL, 67-B, 1100 LISBOA

EDIÇÃO 151, EM SETEMBRO DE 1991

DEPÓSITO LEGAL N.º 44503/91

ISBN 972-37-0277-0



Í N D I C E

I. O BERÇO DE ESPERMA	11
II. A GUERRA DOS PRINCÍPIOS	49
III. A ANARQUIA	71
APÊNDICE I	133
APÊNDICE II	137
APÊNDICE III	139
NOTA DO TRADUTOR	141

Dedico este livro aos manes de Apolónio de Tyana, contemporâneo do Cristo, e a tudo o que pode subsistir de Iluminados verídicos neste mundo que se desmorona;

E para iluminar a sua inactualidade profunda, o seu espiritualismo, a sua inutilidade, dedico-o à anarquia e à guerra por êsse mundo;

Dedico-o ainda aos Antepassados, aos Heróis no sentido antigo e aos manes dos Grandes Mortos.

I

O BERÇO DE ESPERMA

Se em torno do cadáver de Heliogabalo, morto sem sepultura, e degolado pela sua polícia nas latrinas do seu palácio, há uma intensa circulação de sangue e de excrementos, em torno do seu berço há uma intensa circulação de esperma. Heliogabalo nasceu numa época em que toda a gente dormia com toda a gente e nunca se saberá onde nem por quem foi sua mãe realmente fecundada. Para um príncipe sírio como êle a descendência faz-se pela mãe—e, em matéria de mães, há em volta dêste filho de cocheiro, recém-nascido, uma pléiade de Júlias; e, utilizem ou não o trono, todas elas são putas rematadas.

O pai de todos, a fonte feminina dêste rio de estupros e infâmias, tinha de ser cocheiro de fiacre antes de ter sido sacerdote; só isso explica o afã com que Heliogabalo, uma vez chegado ao trono, quer ser enrabado por cocheiros.

O caso é que a História, ascendendo por linha feminina às origens de Heliogabalo, depara inevitavelmente com êsse crâneo nu e devastado, êsse fiacre e essa barba que traçam na nossa memória a figura do velho Bassianus.

Que uma múmia destas servisse um culto, não condena em si-mesmo o dito culto, mas os ritos imbecis e esvasados a que os contemporâneos das Júlias e dos

Bassianos, e a Síria do recém-nascido Heliogabalo, o haviam reduzido.

Mas há que ver como êsse culto, extinto e reduzido às ossadas de gestos a que Bassianos se entregava, ressuscita, desde o aparecimento de Heliogabalo menino nos degraus do templo de Emesa, e retoma, sob as práticas e os paramentos, a sua energia de ouro concentrado, de luz retumbante e cercada, e volta a ser prodigiosamente activo.

Em todo o caso, o velho Bassiano, apoiado a uma cama como a um par de muletas, teve, de mulher casual, duas filhas, Júlia Domna e Júlia Moesa. Teve-as e saíram-lhe bem. Eram belas. Belas e bem dispostas ao seu duplo ofício de rainhas e de chamarizes.

Com quem fez êle estas filhas? A História, até hoje, não o diz. E admitimos que isso não tenha importância, obcecados que estamos pelas quatro cabeças em medalha de Júlia Domna, Júlia Moesa, Júlia Soémia e Júlia Mamoea. E Júlia Moesa—tendo por marido Sextus Varius Marcellus, mas sem dúvida fecundada por Caracalla ou por Geta (filho de Júlia Domna, sua irmã), ou por Gessius Marcianus, seu cunhado, esposo de Júlia Mamoea; ou talvez por Séptimo Severo, seu cunhado segundo—engendra Varius Avitus Bassianus, falso Antonino, Sardánapalo, e, enfim, Heliogabalo, nome que parece ser a feliz contracção gramatical das mais altas denominações do sol.

Vejo daqui êsse bonzo senil, Bassianus, em Emesa, nas margens do Oronte, com as duas filhas, Júlia

Domna e Júlia Moesa. São já dois bons estupores essas duas pequenas saídas de uma muleta com um sexo masculino na ponta. Embora feitas à extensão de esperma, e à maior distância que o esperma atinge nos dias em que o parricida ejacula—digo parricida e já veremos porquê—ambas elas são bem constituídas, maciças; maciças, isto é, repletas de sangue, de pele, de osso, e de certa matéria lívida que circula sob as colorações da pele. Uma delas é grande, polvilhada a chumbo, marcada na testa com o signo de Saturno: Júlia Domna, semelhante a uma estátua da Injustiça, a acabrunhante injustiça da sorte. A outra, pequena, magra e ardente e explosiva e violenta e amarela como uma doença de fígado. A primeira, um sexo que terá tido cabeça; a segunda, uma cabeça a que não faltou sexo.

No ano em que começa esta história, o ano 960 e picos do desmembramento da Lácia; do desenvolvimento separado dêsse povo de escravos, de comerciantes e piratas incrustados como chatos na terra dos Etruscos; que sob o ponto de vista do espírito passou a vida a chupar o sangue dos outros; que nunca teve outra ideia senão guardar os seus tesouros e cofres e selá-los com princípios morais; no ano 960 e picos, que corresponde ao ano 179 do reino de Jesus-Cristo, Júlia Domna, a anciã, poderia ter dezoito anos, e a sua irmã, treze. Estavam, há que dizê-lo, em idade de casar. Júlia Domna parecia uma pedra de lua e Júlia Moesa enxofre moído ao sol.

Que estivessem virgens, não era eu que punha as mãos no fogo; melhor seria perguntá-lo aos seus homens, isto é, a Séptimo Severo quanto a Pedra de Lua, e, quanto a Enxôfre, a Julius Barbakus Mercurius.

Do ponto de vista geográfico, continuava activa a franja de barbárie que limitava o chamado Império de Roma, e no Império de Roma há que meter a Grécia, que foi quem inventou historicamente a ideia de barbárie. E dêste ponto de vista somos nós, nós, gentes do Ocidente, os dignos filhos dessa mãe estúpida, porque, aos nossos olhos, somos nós os únicos civilizados, e tudo o mais, que é a medida da nossa universal ignorância, se identifica com a barbárie.

E no entanto o que há a dizer é que todas as ideias que permitiram aos mundos Romano e Grego não soçobrar imediatamente, não caírem a pique numa cega bestialidade, vieram exactamente dessa franja bárbara; o Oriente, longe de transmitir as suas doenças e o seu mal-estar, permitiu que não se perdesse a Tradição. Os princípios não se inventam, não se descobrem, conservam-se, comunicam-se; poucas operações serão tão difíceis como a de conservar a noção, a um tempo distinta e difusa no organismo, de um princípio universal.

Isto para salientar que do ponto de vista metafísico o Oriente esteve sempre em estado de ebuição tranquilizadora; que nunca é através dele que as coisas se degradam; e que no dia em que nele a pele de chagré dos princípios for seriamente enrugada, então toda a face do mundo engelhará, todas as coisas se abeirarão do seu fim; e êsse dia deixou de parecer-me distante.

É entre esta barbárie metafísica, êste extravasamento sexual que se obstina a procurar no próprio sangue o nome de Deus, que nascem Júlia Domna e Júlia Moesa. Nascem do esperma ritual de um parricida, Bassianus, que eu só consigo ver sob forma de múmia.

Êste parricida meteu o membro no apertado reino de Emesa, que, para começar, não era um reino, era um sacerdócio—e tudo aquilo, reino, sacerdócio, padres, e padre-rei à cabeça, jura estar injectado de matéria lívida, ser feito de ouro e descender directamente do sol.

E um dia, êsse sacerdócio que manipulava preceitos e balbuciava princípios como podem manejar-se ao acaso e sem qualquer ciência foles e alfinetes; êsse sacerdócio que talvez contivesse algo de divino mas já não sabia onde é que isso estava; onde o divino respirava aplastado, reduzido a zero, como o minúsculo reino de Emesa entre o Líbano, a Palestina, a Capadócia, Chipre, a Arábia e a Babilónia, ou como o plexo solar vive aplastado nos nossos organismos de Ocidentais; êsse sacerdócio-vaca de Emesa, vaca, quer dizer, mulher, e mulher quer dizer porco, flexível, esbofeteado e escravizado; que, à força de punho, nunca teria obtido a sua realeza visível, mas flutuava à-vontade numa atmosfera de facilidade e de anarquia, aproveitou a decomposição do reino dos Seleucidas, que segue a sessenta anos de distância a decomposição, muito mais importante, do império de Alexandre o Grande, e declarou-se independente.

De mãe para filho, os sacerdotes de Emesa, que há mil anos e mais provinham dos Sansigeramidas, herdam o reino e o sangue do sol. De mãe para filho por-

que na Síria a filiação é a mãe: é a mãe que serve de pai, que tem os atributos sociais do pai; e que, do ponto de vista da concepção, é considerada primogenitor. Digo PRIMO GENITOR.

O que significa que a mãe é o pai, que é a mãe que é o pai e o feminino que engendra o masculino. E há que aproximar isto do sexo masculino da lua que proteje os seus fiéis de que lhes nasça nunca um par de cornos na testa.

O caso é que na Síria, e sobretudo entre os Sansigeramidas, a filha é que transmite o sacerdócio e o filho não transmite nada. Mas, para voltarmos aos Bassianos de que Heliogabalo é o galho mais alto e Bassianus o fundador, há um hiato temível entre a linhagem dos Sansigeramidas e a dos Bassianos, e este hiato é marcado por uma usurpação e por um crime que desviam, sem a interromper, a linhagem do Sol. Ora, como entre os Sansigeramidas é a mãe que é o pai, para que o historiador romano possa chamar-lhe parricida torna-se indispensável que Bassianos tenha morto a mãe; mas, uma vez que não se sucede a uma mulher mas sim a um homem, e embora seja a mulher que lega o sacerdócio é o homem que fica com êle, julgo, eu, que Bassianos matou o seu verdadeiro pai, o pai pela natureza e *na* sociedade. Era pois de sangue masculino; do lado masculino do sangue solar. Mas o ter-se restabelecido, uma vez mais, a supremacia do macho sobre a fêmea, e do masculino sobre o feminino, não parece ter arranjado melhor as coisas, pois é a partir daí que a bagunça começa; e que é difícil encontrar na História uma mais perfeita reunião de crimes, de torpezas, de crueldades, do que a perpetrada por esta

família onde os homens usam de toda a maldade e fraqueza e as mulheres de toda a virilidade. Pode dizer-se que Heliogabalo foi feito por mulheres; que só pensou através da vontade de duas mulheres; e que, quando quis ter uma ideia sua, quando o orgulho do macho chicoteado pela energia das suas mulheres, das suas duas mães, que iam para a cama com êle, quis manifestar-se, sabe-se qual foi o resultado.

Não julgo o resultado como a História pode julgá-lo; esta anarquia, esta libertinagem divertem-me, sob o ponto de vista da História e sob o ponto de vista de Heliogabalo. Mas, à hora em que começo esta história, Heliogabalo ainda não nasceu.

Os reis de Emesa, êsses reizinhos-mulheres que queriam ser à uma homens e mulheres—como o Megabyso do templo de Efeso que, homem, prende a vêrga para sacrificar como mulher, e se converte na pedra reclinada do sacrifício ante a qual se imola de pé—há muito tinham posto a sua liberdade nas mãos de Roma. Do antigo reino de Emat só ficara o templo volumoso e sombrio. O contrôlo dos negócios, a guerra, a protecção material dos bens cabe aos homens de Roma. Quanto ao mais, cada sírio é e pensa o que lhe apraz, e a religião do Sol é estrumada de devoções à Lua, num amontoado de pedras de lua, peixes, carneiros e javalis. Além de touros, águias e gaviões. Galos, nenhum. Não, não parece que o Galo tenha parte naqueles rituais.

Há muitos séculos que o templo de Elagabalus de Emesa era um centro de estudos espasmódicos a medir

a gula de um deus. Ésse Deus, Elagabalus, ou Píncaro da Montanha, Píco Radioso, vem de muito mais longe. Talvez, na velha cosmogonia fenícia, se chamassem Desejo—e ésse desejo, como o próprio Elagabalus, não era simples, vinha da fusão multiplicada e lenta dos princípios que reverberavam no fundo do Sôpro do Caos. De todos êsses princípios, o Sol é apenas a figura reduzida, imagem para devotos fatigados e decaídos.

Digamos que o Sôpro que estava no Caos se enamorou dêsses princípios; e que é dêsse movimento em frente, dessa espécie de ideia iluminante, que nasceu um desejo consciente.—Há no Sol fontes vivas, uma ideia de caos reduzido e completamente eliminado.

Ora, aquilo que no corpo humano representa a realidade dêsses sôpro não é a exalação pulmonar, que estaria para êsse sôpro como o sol no seu aspecto físico está para o princípio da reprodução—é essa espécie de fome vital, cambiante, opaca, que percorre os nervos com as suas descargas e entra em conflito com os princípios inteligentes da cabeça. E, por sua vez, êstes princípios recarregam o sôpro pulmonar e conferem-lhe todos os seus poderes. Ninguém pretenderá que os pulmões que revitalizam a vida não estão sob o comando de um sôpro vindo da cabeça. E a cabeça de Elagabalus, deus de Emesa, trabalhou sempre muito.

Mas, em 179, quando Séptimo Severo toma na Síria o mando da 4.^a Legião Scita, já nada resta da alta cosmogonia fenícia, descrita por Sanconiatão, a não ser essa pedra negra caída do céu: êsse monólito, êsse bloco

afilado de que Bassianus se constitui velador mas que em verdade está sob custódia das suas duas filhas, dessas duas sírias voluptuosas: Júlia Domna e Júlia Moesa.

Séptimo Severo é já um velho alquebrado; há muito que as areias do deserto roeram o marfim dos seus talões e lhe queimaram as sandálias. Deixara atrás de si duas ou três esposas mortas; mas, mal desembarca, decide tomar mulher e para êsse efeito consulta os registos civis.

Nêsses registos, encontra a Lua, quero dizer, Júlia Domna. Ora Domna é Diana, Artémis, Istar, e também Proserpina, força do feminino negro. O negro na terceira região da terra. A mulher encarnada nos infernos e que nunca se eleva acima dos infernos.

Mas no horóscopo de Júlia Domna vem escrito que ela casará com um Imperador; e êste decide desposar Júlia Domna por causa do horóscopo. Ora, pedra de lua, horóscopo, oráculos hidromânticos que tiram os horóscopos dos imperadores, anda tudo de mão dada. Quero dizer que, na Síria, a terra está viva, as pedras estão vivas; e que Júlia Domna tem pacto jurado com tudo isso.

Há pedras negras em forma de vêrga de homem e um sexo de mulher gravado na base. Pedras que são vértebras em lugares especiosos da terra. E a pedra negra de Emesa é a maior dessas vértebras, a mais pura, e a mais perfeita também.

Há pedras que vivem como as plantas e os animais, e como pode dizer-se que o Sol, com as suas manchas que se deslocam, incham e desincham, se babam umas às outras e voltam a babar-se e a deslocar-se—e quando incham ou desincham fazem-no ritmicamente e desde

dentro—como pode dizer-se que o Sol vive. As manchas surgem nêle como um cancro, como os bubões efervescentes da peste. Há ali matéria pulverizada e que se condensa—como pedaços de sol triturados mas negros. Pulverizados, ocupam menos lugar; e no entanto é sempre o mesmo sol, a mesma extensão e quantidade de sol mas a espaços extinto e lembrando então o diamante e o carvão. E tudo isso está vivo; e as pedras sírias vivem como milagre da natureza: são pedras atiradas do céu.

Há muitos milagres e maravilhas da natureza sobre o solo vulcânico da Síria, que parece inteiramente modelado e atapetado pela pedra pomes, mas onde as pedras caídas do céu vivem uma vida própria, sem se confundirem com a pedra pomes. E há lendas maravilhosas sobre essas pedras.

Testemunha-o êste texto de Photius, historiador bizantino da época de Séptimo Severo:

«Severo era um Romano, e pai dos Romanos, conforme a lei; e ele próprio diz que vira uma pedra onde se observavam os vários rostos da lua tomando toda a espécie de aparências, ora uma, ora outra, inchando e diminuindo segundo o curso do sol, e tendo ainda impresso o próprio sol.»

Diga-se que êste texto de Photius não é o original, mas a cópia de um livro perdido, livro que, pela quantidade de autores que se lhe referem, deve ter constituído para os antigos uma verdadeira Bíblia do Maravilhoso: a «Vida de Isidoro», de Damascus.

Mas a forma mais apaixonante destas pedras encontramo-la nos Bétilos, nos Bétilos negros, ou Pedras de Bel. O Cone negro de Emesa é um Bétilo que conserva o seu fogo e está pronto a arrojá-lo, pois os Bétilos saíram do fogo. São faulhas carbonizadas do fogo celeste. Seguir a sua história é regressar à génesis do mundo criado:

«Vi, diz também Severo, um Bétilo que se movia no ar, por vezes tapado com um pano na mão de um servo cujo nome era Eusébios e me contou que sentira de forma totalmente imprevista o desejo imperioso de sair da cidade de Emesa, quasi a meio da noite, e ir a muita distância na direcção do monte onde foi erigido o velho e magnífico templo de Athena. Ali chegara muito rápido e se sentara a descansar quando viu uma bola de fogo que vinha do céu a grande velocidade e um leão enorme ao lado da bola de fogo. De seguida o leão desapareceu e ele correu para a bola de fogo entretanto já extinto, apanhou-a, e era aquele Bétilo. Levando-o consigo, perguntou-lhe a que deus pertencia e ele respondeu que a Gennaios (êste Gennaios é adorado pelos Hierapolitas que lhe ergueram no templo de Zeus uma estátua em forma de leão). Nessa mesma noite o levou para sua casa havendo percorrido uma distância não inferior, dizia, a duzentos e dez estádios. Eusébios não mandava nos movimentos do Bétilo, era obrigado a rezar-lhe, a implorar, e a pedra acedia aos seus desejos.

«Era uma bola completamente esférica de côn

quiçada. E tinha um palmo de diâmetro. Em certos momentos diminuia e noutras alargava. Noutros, ficava da côr púrpura. (Eusébios) mostrou-nos letras que apreciam na pedra e eram da côr que chamam minium ou cinábrio. Depois fixou o Bétilo à parede. Com aquelas letras respondia a pedra ao que lhe perguntavam, emitindo vozes como de silvo débil, que Eusébios interpretava.»

Noutra passagem do seu livro o mesmo Photius, assombrado por aquela maravilha, obriga-se a descrevê-la de novo, recorrendo outra vez ao testemunho de Severo:

«Contava Severo, entre outras coisas, durante a sua demora em Alexandria, que vira uma pedra helíaca, não como a que já foi descrita, pois dardejava desde o seu interior raios de ouro que formavam um disco semelhante ao sol, no centro da pedra, que a princípio nos fazia ver uma bola de fogo lançando raios que chegavam até à circunferência, pois toda ela era esférica. Vira também uma pedra de lua, não dessas onde aparece uma pequena lua somente depois de as mergulharem na água. Por movimento próprio e inerente à sua natureza esta pedra girava quando e como a lua girava, obra verdadeiramente maravilhosa da natureza.»

A pequena cidade de Apameia sob Emesa ergue-se ao pé do Anti-Líbano numa paisagem de lava extinta

e de poeira de ossos. O seu pequeno templo de sol-lua tem um oráculo hidromântico que nunca se engana.

É na sua direcção que poderíamos ter visto caminhar como peregrinos sob a fôrça máxima do sol, num dia do mundo antigo, a família de Heliogabalo: Bassianus o bisavô, Júlia Domna a tia-avó, Júlia Moesa, a avó. Bassianus, horrivelmente amarelo, avança a passo de burro. As filhas vão à frente.

Soa meio-dia, hora a que o oráculo fala, quando atravessam a segunda cintura do templo e se aproximam da cisterna sagrada.

A *Vida de Isidoro*, de Damascus, tem uma descrição dêste oráculo que valeu a Júlia Domna, dizem, a realeza. E há que acreditar que nesse dia o oráculo foi muito conciso e conscientioso, pois emite o horóscopo que diz a Júlia Domna que ela será rainha. E é sabido que trinta anos depois Varius Marcellus, pai putativo de Heliogabalo, manda fazer em honra do oráculo uma estela votiva que grava na pedra o horóscopo então pronunciado.

«Os que vinham honrar a deusa (Afrodite, saída das águas), conta Juvenal, segundo o livro perdido, traziam ofertas de ouro e prata, telas de linho, visos e outras matérias preciosas. Se as oferendas eram bem recebidas, tanto as telas como os objectos pesados iam para o fundo. Se pelo contrário eram repudiadas ou rejeitadas víamos flutuar os tecidos e o ouro pesado.

«Tábulas de bronze, oblongas e furadas para serem usadas como talismãs etruscos, contendo respostas banais redigidas em latim arcaico, em ritmo próximo do hexâmetro, conservaram um espécime dêsses talismãs ou sortilégios de que viviam os oráculos itálicos.»

Entre outros milagres e prodígios de que os historiadores dão testemunho contam-se aparições fabulosas como a de Apolónio de Tyana ante Antioquia e a da divindade misteriosa que se manifesta diante de Emesa pouco antes da morte de Heliogabalo, segundo conta Vopiscus na «Vida do Imperador Aureliano».

«Às portas de Emesa, a cavalaria de Aureliano estava em fuga, quando uma divindade que só mais tarde foi reconhecida veio encorajar os nossos soldados. A Imperatriz Zenobia foge e Aureliano entra em Emesa como triunfador, dirigindo-se imediatamente ao templo de Heliogabalo afim de quitar-se dos deuses. Ali chegado, vê por segunda vez e sob a mesma forma a divindade que vira, durante o combate, animar o valor das suas armas.

«De regresso a Roma, mandou erguer em honra do Sol um templo cuja dedicatória foi feita com a maior magnificência.

.....

«Então aparecem em Roma as vestes cobertas de pedraria que vemos no Templo do Sol, os dragões persas, as mitras de ouro.»

Acima porém destas lendas e tradições da terra, simbólicas ou não, descobrindo e escondendo de forma reversível, como todos os símbolos, as mais preclaras

e indiscutíveis verdades, estão as lendas e tradições do céu. As Fábulas Metafísicas, as Cosmogonias, a Génese, não a Bíblica, a Feácia, que, falsa ou não na sua redacção primitiva, nos transmite, através da estela de Sancionatão, o espírito profundo e as preocupações limosas (quero dizer eivadas da lama primeira) dos primeiros mercadores do Oriente e da África nascidos da côr vermelha, vermelha-amarela como o mênstruo. O mênstruo vermelho-amarelo que é a côr e a bandeira dos Feácios memoriza a mais temível das guerras. Rubro-amarelo, estandarte da mulher, contra branco-esperma, galhardete do sexo masculino. Falando de princípios, voltarei a esta guerra que opõe sem trégua possível o feminino ao masculino. De momento, atardo-me por guerras de prodígios, de anomalias naturais, de espectáculos rituais esplêndidos onde o homem e a mulher misturam ouro e lua sobre as vestes do padre oficiante.

Na Síria, os templos são caixas amplificadoras de maravilhas reais, de magia exteriorizada. E um considerável número de templos que parecem ali postos unicamente para ilustrar essa luta, êsses ritos, essas anomalias, rivalizam em esplendor sobre todo o seu solo, uns, consagrados ao sol, outros, à lua, sem que se saiba certo quem é a fêmea, quem é o macho, ou se foi o macho que pôs a fêmea ou inversamente. Há o templo do sol em Emesa, que parece ter a primazia sobre os outros templos do sol macho, como se houvesse inúmeros sois e cada um como duplo de todos os outros, como a lua é o duplo fêmea de um deus único

e masculino. Há o templo do sol-lua em Apameia, todo pavimentado a pedras de lua. E o da lua em Hierápolis perto de Emesa, exteriormente consagrado à mulher mas dando um trono insignificante ao macho, que aparece apenas uma vez por ano, sob a figura de Apolo. Apolo, isto é, o sol que em movimento corre, o sol liberto de uma parte de si-mesmo, a mais alta, e considerado na sua força movele, o sol que desce do trono e aceita dar-se ao trabalho, que já não é rei pois já não está sentado, nem imovel, e trabalha, e é agora o filho do rei como o cristo é filho de Deus.

Luciano, autor grego do II século depois de Jesus Cristo, conta a visita que fez ao templo de Astarté em Hierápolis. Mas, além do pitoresco exterior, nada obtemos do seu relato:

«O Templo guarda objectos preciosos, antigas oferendas, quantidades sem fim de objectos maravilhosos, de estátuas veneradas e de deuses sempre presentes. Com efeito, há nele estátuas que suam, se movem e fazem oráculos.»

Porque se as pedras dão vozes, voam, são animadas de um sopro, de respiração própria, também as estátuas sopram, decerto o espírito de Deus.

«Muitas vezes, diz Luciano, se ouve uma voz no santuário, quando o templo está fechado. Muitos a ouviram.»

Com o templo aberto, o embuste era impossível. Haverá sempre ilusionistas ao lado dos iniciados.

«Vi, continua Luciano, o tesouro secreto do templo, onde guardam a riqueza inumerável: tecidos, objectos de ouro e de prata alinhados em filas separadas.

«Há também dentes de elefante, vasos, tecidos da Etiópia. No vestíbulo, estão dois imensos falos. No recinto, pode ver-se uma pequena estatueta de homem provida de um membro enorme.

«O local onde está construído o templo de Hierápolis é um monte no meio da cidade. Rodeiam-no duas cinturas de muralhas, uma delas antiga, a outra não muito anterior à nossa época. Os propileus são de extensão aproximada das cem braças (cento e sessenta metros) com dois falos da altura de trinta braças (quarenta e oito metros). Duas vezes no ano um homem sobe a um deles e fica ali durante sete dias. O motivo dessa ascensão, ei-lo: o povo supõe que desde aquela altura o homem fala melhor com os deuses enquanto lhes pede prosperidade para a Síria. Pensam outros que isto é praticado em honra de Deucalião, e como lembrança dêsse triste sucesso, quando os homens fugiam para a montanha, no temor da inundação. (O templo de Hierápolis tinha um buraco do qual se dizia que sorvera a água do dilúvio). Para subir ao falos o homem passa uma corrente em volta do falos e do próprio corpo. À medida que sobe, puxa a si a corrente, como os guias dos carros levantam as rédeas. Quem nunca viu isto, viu certamente subir às palmeiras, na Arábia, no Egito e outros lados, e compreenderá o que digo.

Chegado ao termo do seu caminho, o homem deixa cair outra corrente que levara consigo e por meio dela puxa para cima tudo aquilo de que necessita. Compõe então uma plataforma, uma espécie de ninho onde se senta e vive todo o tempo que eu disse. Em baixo, uns, trazem-lhe ouro, outros prata, outros, cobre. Depõem as oferendas e retiram-se dizendo cada um o seu nome.

«De pé na base do falos outro sacerdote ouve os nomes e grita-os para cima, com uma oração. E enquanto reza percute um instrumento de cobre, de alarido ensurdecedor.

«O homem não pode dormir. Diz-se que, se dorme, um escorpião subirá até ele, despertando-o com uma picada dolorosa. Tal é a punição que corresponde ao sono. O que aqui se diz do escorpião é santo e divino.

«O templo está postado ao sol levante. Na forma e na estrutura assemelha-se aos templos construídos na Jónia.»

É aqui que cheira a mulher. Se em vez de nos dar uma descrição exterior do templo de Hierápolis, e nunca a sua descrição é tão exterior como quando simula violar-lhe as entradas, Luciano tivesse alguma curiosidade pelos princípios, teria procurado sobre as colunatas do templo a origem extra-humana dos sexos petrificados de fêmea que são o seu motivo ornamental. É o próprio princípio da arquitectura jónica.

Mas voltemos à sua descrição documental.

Tem a vantagem de fixar um certo número de detalhes concretos, embora superficiais, e exemplifica o

gôsto inato do pródigo, do sumptuário, num povo cujo teatro não estava no palco mas na própria vida.

«O templo está sobre uma base alta de duas braças. Quando entramos, somos tolhidos de admiração: as portas são de ouro, no interior o ouro luz por todo o lado, cintila por toda a abóbada. Sente-se um odor suave, semelhante a êsse de que dizem ser a Arábia perfumada. Por longe que se vá, respira-se o odor delicioso, e quando saís o odor acompanhava-vos, entranhou-se nas vestes, não vos deixa mais. Num recinto recuado estão as estátuas de Júpiter e de Juno, a que os naturais da cidade dão nomes de consoantes conformes à sua língua. As duas estátuas são de ouro e estão sentadas: Juno sobre leões, Júpiter sobre touros. Juno tem um ceptro numa das mãos e uma maçaroca na outra; a cabeça coroada de raios ostenta uma torre e é cingida pelo diadema que habitualmente só vemos na testa de Urânia. As vestes estão recamadas de ouro, de pedras infinitamente preciosas, brancas umas, outras côr de água, muitas côr de fogo; são sardónias onix, jacintos egípcios, esmeraldas que lhes trazem os Hindus, os Medas, os Arménios, os Babilónios.

«Na cabeça tem um diamante denominado Lâmpada. Durante a noite é tal o seu brilho que o templo luz como iluminado por archotes; de dia o reverbero é muito mais fraco; conserva no entanto parte do seu fulgor. Nesta estátua ainda há outra maravilha: se a encarais de frente, ela fita-vos, se vos afastais, o seu olhar persegue-vos. Se outra pessoa faz a mesma experiê-

cia desde outros ângulos, a estátua fita-a igualmente.

«Entre estas duas estátuas vê-se uma terceira também de ouro mas sem nada de comum com elas. É o Semeião: tem na cabeça uma pomba de ouro.

«Quando entramos no templo vemos à esquerda um trono dedicado ao Sol, mas a imagem dêste deus não está ali, o Sol e a Lua são as únicas divindades de que não mostram imagens, dizendo que é inútil fazer estátuas de divindades que todos os dias se mostram no céu.»

Nos seus ritos complexos e sobrecarregados, o culto de Baal em Emesa, representado pela vigorosa vêrga de Elagabal, correspondia ao culto de Tanit-Astarté, a Lua, que alguns quilómetros adiante reinava na profundez do templo de Hierápolis. Era dali, nesse templo consagrado à vagina da mulher, ao seu sexo divinizado, que saía, durante as festividades maiores, um Apolo suado e barbudo que avançando ou recuando às costas dos seus portadores, sob a égide do sumo sacerdote, consagrava o oráculo. Um Apolo de ouro com, sob o queixo, um postigo de crina grossa e negra. Vem às cavalitas de uma boa dúzia de titubeantes que mal podem levantar tal peso. A multidão inclina-se. O incenso sobe, parece sumir-se por todos os orifícios. Ao fundo, o grande sacerdote—também a suar ouro, atafulado de insígnias, de pedraria, de ouropéis, de plumas, e frágil, aéreo como o badalo de um sino—espera o deus. No silêncio subitamente estabelecido ouvem-se passos, vozes, idas e vindas de toda a espécie nas câmaras subterrâncias. Tudo isso forma estrias,

andares sobrepostos de murmúrios e de ruídos. Do seu chão, o templo desce em espiral para as profundezas. As câmaras rituais, multiplicadas, sucedem-se verticalmente; o templo é como um vasto teatro, um teatro onde tudo seria verdadeiro.

No momento da aparição do deus, do deus ébrio que faz cambalear a sua guarda, o templo vibra em harmonia com os turbilhões estratificados do subsolo, conhecidos e referenciados desde a mais alta antiguidade. Nas câmaras rituais, até muitos centos de metros abaixo do nível do chão, os veladores passam a palavra, dão a voz, percutem gongs, fazem gemer trompas cujo eco as mil abóbadas repercutem.

Sobre a asa do grito, o grande sacerdote interroga o oráculo, sonda-o, invoca-o em grandes brados e ritmicamente. Vemos então o deus-louco, a barba que lhe faz um buraco negro no ouro de que está literalmente afogado, vemo-lo agitar-se, escumar, como enraivecido ou transtornado pela inspiração.

Se o oráculo é favorável, se a resposta do oráculo é
«sim»

o deus impele para a frente os seus portadores.

Se a resposta é desfavorável, se a resposta do oráculo é
«não»

o deus fá-los recuar.

O próprio Luciano pretende ter visto, um dia, este deus, farto das perguntas que lhe faziam, libertar-se dos braços da sua guarda e voar em linha recta para o céu. Vê-se daqui a multidão, tomada de uma espécie de terror religioso, assaltar as saídas do templo, comprimir-se no adro, chocar e turbilhonar em volta

dos dois falos, altos como pilões e momentaneamente inutilizados com os seus alguns centos côvados de altura.

Tudo isto dá apenas conta sumária de um certo aspecto exterior da religião de Astarté a lua, bizarramente ligada ao rito de Apolo, o sol bárbaro. Mas é necessário insistir nos dois pilões erguidos um atrás do outro no alinhamento interior do templo. Esses dois pilões representando falos erguem-se no próprio eixo do sol, de maneira a formarem, com o sol levante, em certa época do ano, uma só linha ideal a que o templo obedece e faz com que a sombra da primeira coluna, a mais próxima do templo, coincida exactamente com a sombra da outra.

É o sinal de um intenso extravasar de sexos, a que tudo o que é especificamente religioso, e mesmo o que o não é, não se importa de misturar-se. Mas, aquilo que, para os Galos, é um convite à mutilação, era para a maior parte do povo um convite à fornicação. Enquanto novas virgens sacrificam no altar da lua a sua virgindade de fresca data, as suas santas mães, por um dia saídas do gineceu familiar, entregam-se aos curadores dos esgotos do templo, aos guardas das eclusas sagradas, que emergindo da treva, também por um só dia, vêm oferecer o seu sexo macho aos raios do sol exterior.

Dêstes Galos, que exaurem o seu sangue com abundância ante o altar do deus pítico, e correm pelas ruas arremessando os membros, as mulheres sentem-se subitamente amorosas. E os maridos, e os amantes, respeitam-lhes a paixão sagrada.

Estas explosões de amor só têm um tempo. Bem depressa as mulheres abandonam os cadáveres dêsses homens cobertos de vestes femininas que lhes atiram durante a sua corrida mortal.

Pôsto isto, é preciso reconhecer que a Síria que baralha os templos, que olvidou a guerra que o macho e a fêmea haviam travado no caos, e as guerras que os Feaci ou Fenícios, que não são Semitas, haviam movido, nouros tempos, aos Semitas, não por uma ideia de macho e de fêmea, mas de masculino e de feminino, a Síria que reconciliou nos seus templos êstes dois princípios e as suas múltiplas encarnações, tem em todo o caso o sentido de uma certa magia natural: acredita em prodígios, e cultiva-os. Mas, acima de tudo, conserva uma ideia de magia que não é natural: crê em zonas de espíritos, em linhas místicas de influência, numa espécie de magnetismo errante, corporizado, que exprime em figuras nas suas cartas de céu Bárbaro, que nada têm a vêr com cartas de astronomia.

Uma mulher, a única da sua espécie na História, foi a encarnação dêstes princípios e das suas lutas: Júlia Domna.

Na confluência do real e do irreal, implanta o seu propósito grandioso, subterraneamente alimentado pela respiração das pedras falantes, a que o maravilhoso serve ao mesmo tempo de décor e de espelho.

Júlia Domna, que faz a guerra, que acende e suscita guerras para servir as suas ideias de mulher e de domínio, é também a responsável por esse repositório de maravilhas que é a *Vida de Apollonius de Tyana* escrita por Filostrato; Apollonius de Tyana, o branco, que recarrega a espiritualidade da terra com sinais inscritos nos túmulos.

Perdoa a Júlia Domna o seu casamento com essa espécie de doido romano, denominado Séptimo Severo; e perdoa-lhe os seus filhos, ainda mais doidos e criminosos que o pai, pela *Vida de Apollonius de Tyana*, que ela mandou escrever e onde eu tomo tudo no sentido literal.

Sem Júlia Domna não teria havido Heliogabalo; mas eu creio que, sem essa liga pederástica da realeza e do sacerdócio, a feminilidade de Júlia Domna, infusa de maravilha e inteligência, não teria pensado em brilhar sobre o trono de Roma. Para isso foram necessárias circunstâncias exteriores e também que ela fosse uma mulher íman. Tal soma produz um monstro que leva um imperador à guerra, mas uma vez afastada a guerra, suscita poetas, como suscitaria curandeiros e bruxos. Todos os seus amantes são pessoas que servem, que servem para alguma coisa, e que a servem. Domna mistura o sexo e o espírito, nunca o espírito sem o sexo e menos ainda o sexo desprovido de espírito. Na Síria, ainda rapariga, dorme à direita e à esquerda, mas sempre com médicos, com políticos, com poetas. Entrega-

-se a homens que estão na linha dela, sem se ocupar da linha deles. Primeiro, ser rainha: as suas camas levam-na à realeza. E é de crer que fez pagar bem caro os desejos de Séptimo Severo, em 179, quando este toma na Síria o mando da 4.^a Legião Scita, e até ao casamento, um pouco mais tarde. E mesmo depois.

Gasta sem medida; não sabe urdir, como Júlia Moesa, uma intriga subtil, mas estabelece grandes planos. A ambição acima de tudo, e a força. A ambição no sangue, e mesmo, uma vez, acima do sangue. Que os seus dois filhos se matem deante dela; ela abandona o morto pelo vivo, porque o vivo se chama Caracalla, e reina. E porque domina Caracalla, com a cabeça, e guarda o trono, enquanto o manda guerrear para longe.

Um historiador latino, Dião Cassius, diz que Júlia Domna dorme com Caracalla no sangue do seu filho, Geta, assassinado por Caracalla. Mas Júlia Domna nunca dormiu senão com a realeza; primeiro, a do sol, de que é filha; depois, a de Roma, que ela cobre como um cavalo cobre uma jumenta.

No entanto, essa força não é sem molesa. O divertimento é a regra na corte de Júlia Domna desde que, sob os auspícios de Júlia Moesa, sua irmã, e das duas sobrinhas, consegue implantar em Roma os costumes sírios.

O esperma corre talvez a jorros, mas é um rio inteligente, esse esperma que corre e sabe que não se perde.

A indolência, assim, é a espuma da fôrça: crista que tremula ao vento.

Nada abate esta mulher extraordinária. Quando sai a guerra, entra a poesia. E entretanto tem a irmã ao lado, e as duas sobrinhas, que perpetuarão a raça do sol.

Heliogabalo nasce em Antioquia, no ano 204, durante o reinado de Caracalla.

E Caracalla, Moesa, Domna, Soémia, mãe de Heliogabalo, então viúva de Varius Antoninus Macrinus, e Mammoea, mãe de Alexandre Severo e viúva de Gessius Marcianus, curador do trigo e das águas, tudo isto dorme junto, se agita, banqueteia e excita em roda os transes dos fâquires sírios.

Depois acontece ao longe, perto dum templo da lua macho, do deus Lunus, o assassinato de Caracalla, quando descera do cavalo e estava a mijar.

E Macrino, o novo imperador, instala-se no trono de Roma sem voltar a Roma, julgando governar tudo desde a longínqua Síria onde se encontra e onde perpetrhou o assassinato de Caracalla.

Acaba talvez a realeza de Júlia Domna. Mas Macrino deixa-a em paz: respeita-a;—Júlia Domna não regressa a Emesa. Já não é verdadeiramente rainha. Conserva o título, as honrarias, a escôlta (a fôrça armada, isso conta) e, sobretudo, o tesouro de uma rainha (o tesouro é o que mais conta); mas já não faz parte do governo do império, e conspira, na sombra, para derrubá-lo.

Macrino sabe-o e chama apressadamente à Síria Júlia Domna, Júlia Moesa, Júlia Soemia e Júlia Mammoea,

além do pequeno Varius Antoninus, da família dos Bassianos de Emesa, a que chamaremos Heliogabalo, embora ainda não tenha recebido o nome.

A mãe de Heliogabalo está em Roma no momento em que concebe e, por consequência, Caracalla pode ter sido o pai, ainda que à época tivesse só quatorze anos. Mas porque motivo um romano de quatorze anos, filho de síria, não poderia fazer um filho a uma síria de dezoito anos? Por um acaso, Heliogabalo não nasce em Roma, mas em Antioquia, no decurso de uma dessas misteriosas deslocações que a família dos Bassianos faz da corte de Roma ao templo de Emesa, passando pela capital militar da Síria.

De volta à Síria, Júlia Domna, a quem o amor nunca importou verdadeiramente, que ama acima de tudo a realeza (e a poesia de Apollonius de Tyana e de alguns outros foi sempre, para ela, a mais alta forma de realeza), Júlia Domna, que não pode suportar a perda da coroa, decide deixar-se morrer de fome. E fá-lo.

Eis reinstalada na Síria Júlia Moesa e companhia. Estamos no ano do Cristo 211.

Heliogabalo terá sete anos e há já dois que foi ordenado sacerdote do sol. Mas, em volta do pequeno reino

de Emath sobre o qual Heliogabalo reina, há a Síria desértica e branca, de que será bom termos notícia.

Do ponto de vista militar, está quieta. Do ponto de vista geográfico, é quasi idêntica ao que é hoje. Hoje, o Orontes, que banhava os muros do templo de Emesa através de uma espécie de braço desviado, deixou de banhá-los. Antióquia chama-se Antióquia e Emesa chama-se Homs. Do templo do Sol nada resta, dir-se-ia que se sumiu sob a terra. E efectivamente se sumiu, porque ainda lá está; uma simples praça pavimentada cobre as fundações fabulosas, que nunca ninguém se lembrou de escavar; a meio-estádio à direita fizeram uma mesquita, virada ao poente.

Quanto à cidade de Homs, empesta como Emesa, pois tudo ali se faz ao ar livre, o amor, a carne e a merda. As pastelarias junto das latrinas, como os açou-gues rituais junto aos outros açouges. Tudo isso grita, se despe, faz amor, atira veneno e esperma como nós escarramos. Nas ruelas, em largos passos ritmados como as grandes estátuas de Assueros, mercadores psalmodiam em Homs como psalmodiavam em Emesa, diante das suas tendas semelhantes a autênticas hastas públicas.

Vestem aquelas túnicas compridas que vemos nos Evangelhos, e afadigam-se entre odores medonhos como momos e histriões orientais. Ante êles, mas em 211, passa uma multidão, mista de escravos e de aristocratas; sobre êles, na cidade alta, resplandecem as muralhas ardentes do templo milenário do Sol.

Saindo das ruelas do mercado, onde entre o detrito de tudo apodrecem grandes ratazanas, aproximemo-nos do templo cujo esplendor secreto fez sonhar uma parte da antiguidade. A meio-estádio do templo acabam os odores, faz-se o silêncio. Um vácuo repleto de sol separa o templo da cidade baixa, pois o templo do sol em Emesa, como quasi todos os templos sírios, ergue-se de uma base composta de entradas doutros templos, de restos de palácios e de vestígios de velhas convulsões terrestres, que, a querermos determinar-lhe a origem, nos levariam a um Dilúvio muito mais antigo que o do Deucalião. Uma cintura baixa, de argamassa vermelha, fecha o templo, seguida, a uma distância da amplitude da praça da Concórdia, de uma segunda cintura de pedras raras, coberta de mica brilhante. Aberta a porta da segunda cintura, começa o alarido sagrado, o alarido interior, e aparece um espectáculo desconcertante.

É o templo, com a sua águia de asas abertas, guardião do Falos sagrado. Ondas de extensos reverberos prateados fretem nas paredes de mármore, trazendo ao espírito os gritos variados que no decurso das grandes festas solares Apolo Pítico parece lançar. E em volta do templo, em multidão emergindo de grandes bocas de esgôto, negras, os servidores rituais desfilam, como nascidos dos suores do sol. Porque, no templo de Emesa a entrada de serviço é subterrânea, nada deve perturbar o vazio que debrua o templo para além da cintura mais recuada. Um rio de homens, de animais, de objectos, de materiais, de virtualhas, nasce em numerosos cantos da cidade comercial e converge para os subterrâneos do templo.

Este entrecruzar misterioso de homens, de animais vivos ou escorchados, de metais conduzidos por pequenos cíclipes que só verão o dia uma vez por ano, de alimentos, de objectos trabalhados, cria, a certas horas do dia, um paroxismo, um nó de gritos e de ruidos, mas pode dizer-se que nunca pára.

Os marchantes, os caravaneiros, os dispenseiros saem do templo pelos buracos subterrâneos e vão farejar a cidade para dar ao deus rapace as suas quotidianas quatro refeições; cruzam-se com os sacrificadores, ébrios de sangue, de incenso e de ouro abrasados, com os fundidores, com os arautos de horas, com os artífices de metais, fechados todos nas suas masmorras durante todo o ano, à excepção do dia fatídico dos Jogos Píticos, também chamados de Hélia Pítica.

Em torno das quatro grandes refeições rituais do deus sol gira esta multidão de sacerdotes, de escravos, de arautos, de oficiantes. E essas refeições tampouco são simples: a cada gesto, a cada rito, a cada manipulação sangrenta, a cada punhal temperado em ácido e limpo, a cada nova veste que Bassianus tira ou põe, a cada ruido desferido, a cada mistura brusca de ouro, de prata, de amianto ou de electrum, a cada gonzo que fazem girar e lança aos subterrâneos irradiantes os guinchos da Roda Cósmica, corresponde uma revoada de ideias sombrias e torturadas, ideias amantes das formas, ideias que querem encarnar.

Uma massa de ouro arrojada a um abismo alimentado por cíclipes, no momento preciso em que o Grande Sacrificador destroça freneticamente a garganta de um abutre e lhe bebe o sangue, corresponde a uma ideia da transmutação alquímica dos sentimentos em

formas e das formas em sentimentos, segundo o rito dos sacerdotes egípcios.

Mas a esta ideia do sangue vertido e da transformação material das formas, junta-se uma ideia de purificação. Trata-se de isolar de todo o sentido de gôzo pessoal e imediato o átomo obtido pelo sacerdote. Para que o fulgor, a rápida explosão de frenesim, possa voltar sem sobrecarga de matéria ao princípio de que saiu.

Daí os inumeráveis aposentos consagrados a uma acção ou mesmo a um simples gesto, de que os subterrâneos do templo, como entradas revolvidas estão repletos. O rito da abluição, o rito do abandono, da modificação, do despojamento; o rito da nudez total e em toda a acepção; o rito da força corrosiva e do ataque imprevisível do sol, correspondente ao aparecimento do javali; o rito da raiva do lobo alpestre e o da obstinação do carneiro; o rito da emanação do calor morno e o da grande crepitação solar na época em que o princípio macho assinala a sua vitória sobre a serpente; todos estes ritos, diariamente através de dez mil câmaras, ou de mês para mês, ou de dois em dois anos, se correspondem —vão de uma veste a um gesto, de um passo a um jacto de sangue.

Porque o que a religião do sol, tal era praticada em Emesa, passava para o exterior e podia ser vista pela maioria do povo, era apenas a parte reduzida e adocicada de um todo cuja contrapartida de torturantes e abomináveis inspirações só os sacerdotes do Deus Pítico conheciam.

Se um falos giratório, e abundantemente paramentado, significa o que o culto do sol tem de negro, os laboriosos patamares que levam a ideia do sol para o

interior da terra, realizam de forma física, em armadilhas e sortilégios cortantes, um mundo de ideias infinitamente sombrias, de que as vulgares histórias de sexo são apenas a capa.

As ideias que fixam o culto do sol, tal era praticado em Emesa, tocam na maldade cósmica de um princípio, e o êrro, periodicamente cometido pelos povos, é possibilitar-lhe uma detestável saída para as coisas, venerando-o naquilo que él tem de negro.

O triângulo invertido formado pelas coxas, quando o ventre se afunda nelas em quina, reproduz o cone obscuro do Érebo, em cujo espaço maléfico os adoradores do falos solar, que nisso dão a mão aos comedores de mênstruos lunares, introduzem as suas exaltações.

Não é pois o coito, mas a morte, e a morte na luz desesperante, na queda de uma parte do Deus, de que todas as religiões iniciáticas mostram a face impotente, impotente e, ao mesmo tempo, maldosa, como um ouro que, para mostrar a sua soberania no domínio da baixa realização, visse uma parte de si cair com o peso do chumbo.

E isto, que revela o carácter medonho de uma religião, no entanto monoteista, prova que o próprio Deus não é senão o que dele fazem.

Enquanto as pirâmides do Egipto, com os seus triângulos massificados(*), são um apêlo à luz branca, o vórtice subterrâneo do templo de Emesa é uma

(*) maçonnés.

espécie de filtro triangular, um filtro para o sangue humano.

O sangue dos sacrifícios efectuados em cima não deve perder-se em esgotos vulgares; não deve, misturado às vulgares dejecções humanas, urina, suor, esperma, escarro ou excrementos, reencontrar as águas do primeiro mar. Sob o templo de Emesa, há um sistema de esgotos onde o sangue do homem se junta ao plasma de certos animais.

Através dêsses esgotos em forma de espiral ardente, cujo vácuo se apouca à medida que vence a profundezas, o sangue dos sacrificados vai reencontrar recantos sagrados da terra, os primeiros filões geológicos, as convulsões petrificadas do caos. Esse sangue puro, esse sangue liberado e subtilizado pelos ritos, obtido para agradar ao deus de baixo, esparze os deuses rugedores do Érebo, cujo sôpro acaba de purificá-lo.

Desde a extremidade do falos ao último circuito dos esgotos solares, o templo, com as protuberâncias dos nichos, as fontes, os baixos-relevos, as pedras vibratórias cravadas como buracos nos muros, está compreendido numa espécie de círculo imenso que corresponde ao círculo espasmódico do céu.

É aí, no centro dêsse círculo ilusório e como que ponto vivo de uma tela a minuto onde a aranha se suspende, é aí a câmara do filtro semelhando o triângulo invertido. À ponta oca do filtro, em baixo, responde em sentido inverso a ponta do falos, em cima.

A essa câmara fechada só o grande sacerdote desce suspenso por uma corda, como um sinete na profundezas de um poço.

Descem-no uma vez por ano, à meia-noite, num acompanhamento de ritos onde o sexo físico do homem ganha uma importância desmesurada.

Este triângulo tinha nos seus lados uma espécie de caminho circular defendido por forte balaustrada. E para êsse caminho davam outras câmaras sem saída para a luz exterior, e onde durante sete dias, num período que corresponde às Saturnais Gregas ou Romanas, se faziam atrozes matanças.

Volto agora a Heliogabalo que é jovem e se diverte. De quando em quando vestem-no, levam-no para o templo, fazem-lhe cumprir ritos que o seu cérebro não entende.

Oficia com seiscentos amuletos que criam zonas em todo o seu corpo. Roda em volta de altares de deuses e de deusas; penetra-se de ritmos, de cantos, de perfumes e de ideias compósitas—e chega o dia em que tudo isso funde e o sangue do sol sobe em orvalho à cabeça, e cada gota da rosa solar é uma energia e uma ideia.

É demasiado fácil dizer que Júlia Moesa, enxofre ou rata, foi quem conduziu toda a intriga destinada a levar Heliogabalo ao trono dos Césares romanos. Todos os que triunfam ou dão que falar têm, êles também, algo de único; e os que, como Heliogabalo, conseguem ofuscar a História, decerto detêm qualidades que poderiam ter modificado o mundo, se as circunstâncias os tivessem favorecido.

Sobre a irmã Júlia Domna, Júlia Moesa possui a

superioridade de nada ter querido para si própria, de nunca ter confundido a realeza romana nem a realeza solar dos Bassianos com a sua insignificante pessoa, e de ter sabido despessoalizar-se.

Remetida para Emesa por Macrino, transporta consigo o tesouro do império, amontoado por Domna, e o tesouro do culto sírio, que jazia em Antióquia; fecha tudo no templo que todos consideram sagrado e inviolável.

Rata, faz trabalho de rata que anda sem parar pelos pés das coisas. Alimenta do alto a glória de Heliogabalo, alimenta-a por todos os lados e de todas as maneiras possíveis. E não se prende com o estôfo dêsses meios.

No pedestal que põe sob a estátua sagrada do pequeno príncipe, a beleza dêste último tem o seu lugar, mas também a sua surpreendente inteligência, o seu desenvolvimento precoce.

Heliogabalo tem desde muito cedo o sentido da unidade que está na base de todos os mitos e de todos os nomes; a decisão de tomar o nome de Elagabalus, o empenho que põe em fazer esquecer a sua família e o seu primeiro nome, e em identificar-se com o deus que os cobre, é uma primeira prova do seu monoteísmo mágico, que não é somente verbo, mas acção.

Em seguida, introduz êsse monoteísmo em tudo o que faz. E é a êsse monoteísmo, a essa unidade de tudo o que empece o capricho e a multiplicidade das coisas, que eu chamo, eu, anarquia.

Ter o sentido da unidade profunda das coisas é ter o sentido da anarquia — e do esforço a fazer para reduzir as coisas levando-as à unidade. Quem tem o sen-

tido da unidade tem o sentido da multiplicidade das coisas, da poeira de aspectos que há que atravessar para se poder reduzi-las e destruí-las.

E Heliogabalo, como rei, ocupa o melhor lugar possível para reduzir a multiplicidade humana, e, pelo sangue, pela残酷, pela guerra, levá-la ao sentimento da unidade.

II

A GUERRA DOS PRINCÍPIOS

Considerando a Síria de hoje, com as suas montanhas, o seu mar, o seu rio, as suas cidades e os seus gritos, dir-se-ia que algo de essencial lhe falta; mas como falta ao abcesso esvazado o pus escaldante e repleto de vida. Algo de horrível, pleno, duro, e, se se quiser, abominável, abandonou de chofre, brutalmente, como rebenta um balão, como o «Fiat» tonitruante de Deus volatiliza os turbilhões, como uma espiral de vapor aos raios do sol inimigo, o céu e os muros cariados das cidades sírias. Algo que não voltará a ser visto.

Enquanto na hora da morte, a religião de Ictus, o Peixe pérfido, faz o sinal da cruz nas partes pecadoras, a religião de Elagabalus exalta a perigosa acção do membro sombrio, do órgão da reprodução.

Entre o grito do Galo que se castra e corre pela cidade brandindo o seu sexo seccionado rígido, e o uivo do oráculo que brama junto dos viveiros sagrados, nasce uma harmonia sortílega e grave, à base de misticidade. Não um acorde de sons, mas um acôrdo petrificante de coisas mostrando-nos que na Síria, antes do aparecimento de Heliogabalo, e alguns séculos depois dele, até à crucificação, sobre o frontão do templo de Palmira, de Valeriano, o Imperador romano, de cadáver pintado de vermelho, o culto negro não temia exibir

o seu encanto diante do sol macho, nem fazer dêste o cúmplice da sua triste eficácia.

Que quer dizer-nos, enfim, e em que consiste, essa religião do Sol em Emesa, cuja expansão Heliogabalo paga com a vida?

Não basta que as ruínas do deserto ainda cheirem a homem; que um sôpro menstrual corra sobre elas nos turbilhões masculinos do céu; não basta que o combate eterno do homem e da mulher atravesse os canais ravinados de pedra, as colunas super-aquecidas do ar.

O estarrecedor colóquio mágico que opõe o céu à terra e a lua ao sol, e que a religião de Ictus, o Peixe, destruiu, deixou de exercer-se no humor ritual das festas, mas não preside menos à nossa inércia actual.

Pode desprezar-se, à distância, a sangrenta aspersão dos Tauróbolos a que se entrega o culto de Mítra, numa espécie de linha mística cujo trajecto nunca foi ultrapassado e vai das altas mesetas do Irão às muralhas de Roma; pode-se, de horror, tapar o nariz ante a emanacão variada de sangue, espérma, suor e mênstruo unida aos odores íntimos da carne macerada e do sexo sujo, que sobe dos sacrifícios humanos; pode berrarse de nojo ante o prurido sexual das mulheres transformadas pela visão de um membro fresco arrancado; pode abominar-se a loucura de um povo que, do alto das casas para onde os Galos arremessavam o membro, lhes atira vestes de mulher e invoca os deuses; não se pode negar que êstes ritos contêm uma soma de violenta espiritualidade que ultrapassa os seus excessos sangrentos.

Se, na religião do cristo, o céu é um Mito, na religião de Elagabalus o céu é uma realidade, mas uma

realidade em acção como a outra e sobre a outra agindo perigosamente. Todos êstes ritos fazem confluir o céu, o céu ou o que dele sai, sobre a pedra ritual, homem ou mulher, para o cutelo do sacrificador.

É que há deuses no céu, deuses, isto é, forças cujo único anseio é poderem precipitar-se.

A fôrça que carrega os macareus, que faz a lua beber o mar, que faz subir a lava nas entranhas dos vulcões; a fôrça que sacode as cidades e seca os desertos; a fôrça imprevisível e vermelha que faz fervilhar os pensamentos como crimes e os crimes como piolhos nas nossas cabeças; a fôrça que sustenta a vida e a que faz abortar a vida, são outras tantas manifestações sólidas de uma energia de que o aspecto pesado é o sol.

Quem remexe nos deuses das religiões antigas e lhes mistura os nomes numa cesta com um pau de trapeiro; quem se ataranta com a multiplicidade desses nomes; quem, cavalgando duma terra a outra, estabelece a similaridade dos deuses e as raízes de uma etimologia idêntica para os nomes de que os deuses são feitos; e, passada revista a todos êsses nomes, a todas as indicações das suas fôrças, a todos os sentidos dos seus atributos, se põe a gritar contra o politeísmo dos antigos, e lhes chama Bárbaros, é êle próprio um Bárbaro, isto é, um Europeu.

Se os povos, ao longo do tempo, refizeram os deuses à sua imagem; se extinguiram a fosforecente ideia dos deuses e, idos dos nomes onde os encerravam, se revelaram impotentes para subir, mediante os contactos concéntricos das forças, a magnetização aplicada e concreta das energias, até à descarga inicial, até à revelação do princípio que êsses deuses querem revelar,

devemos acusar historicamente e fragmentariamente êsses povos, e não os princípios, e menos ainda a ideia superior e total do mundo que o Paganismo quiz restituir-nos. E como no fundo as ideias só são ajuizáveis pela forma que as tem, pode dizer-se que, tomado no tempo, o desenrolar inumerável dos mitos a que correspondem, nos subterrâneos atafulhados dos templos solares, as sobreposições sedimentárias de deuses, deixou de dar-nos ideia da formidável tradição cósmica que está na origem do mundo pagão, cujo espírito de libertação sem imagens ou cuja misteriosa comoção de imagens, vinda de um gesto verdadeiramente sagrado, não pode ser-nos dada pelas danças dos histriões orientais ou pelos truques dos fakirs que vêm exibir-se nos teatros do ocidente.

O espírito sagrado é aquilo que fica colado aos princípios com uma força de identificação sombria que se assemelha à sexualidade—à sexualidade no plano mais próximo dos nossos espíritos orgânicos, dos nossos espíritos obstruídos pela espessura da queda. Esta queda que eu pergunto se representará o pecado. Porque no plano onde são as coisas, esta identificação chama-se Amor, sendo uma das suas formas a caridade universal, e a outra, a mais terrível, é o sacrifício da alma, isto é, a morte da individualidade.

Fomos nós, foi a nossa Europa cristã, e a sua História, que fabricou todas estas lutas de deuses contra deuses e de fôrças contra fôrças, enquanto os deuses viam fugir-lhes dos dedos as fôrças que deviam ministrar; esta separação da fôrça e do deus, com o deus reduzido a uma palavra que cai, a uma efígie votada às mais odiosas idolatrias; o rumor sísmico e o abalo

material nos céus; a forma de fechar o céu no céu e a terra sobre a terra; as casas e os territórios do céu passando de mão em mão e de cabeça em cabeça e, por seu turno, cada homem compondo e recompondo os deuses na sua mente; a ocupação provisória do céu, ali por um deus e pela sua raiva, além pelo mesmo deus transformado; a sucessão da detenção de poderes, a que se seguem, como o latido perpétuo de um espasmo, de baixo para cima e de cima para baixo, outras detenções de poderes; a respiração das faculdades cósmicas, semelhantes, no plano superior, às faculdades soterradas e incultivadas que dormem na nossa individualidade separada — e a cada faculdade corresponde um deus e uma forma, e nós somos o céu sobre a terra e êles transformaram-se em terra, a terra do absoluto separada; — esta instabilidade tempestuosa dos céus, a que nós chamamos Paganismo, e que por vezes nos cega, nos chicoteia com a sua verdade — fomos nós que fizemos tudo isso.

Se recolocarmos no seu tempo este desdobramento sucessivo de deuses arremessados ao céu — e muitas vezes a mesma estação do céu visível é ocupada por efígies de natureza contrária, e o deus-mulher sobre a efígie masculina do deus que é o igual do outro; e Ictar, nome de origem masculina, acaba por significar a lua, e a lua, em igual ponto do tempo e do espaço, mas dotada de um falos e de um pente, faz amor virada para si-mesma e esparze o seu orvalho de crianças —, se o recolocarmos no tempo que é o dos povos em avanço histórico, podemos ver como esta ronda cega em volta dos princípios compromete tão pouco a sua validez inicial como a masturbação

de um cretino onanista compromete o princípio da reprodução.

Se os povos acabaram por considerar os deuses como seres realmente separados, se erraram no significado, note-se como cada um desses povos tentou sempre, por si próprio, e no mesmo ponto do tempo e do espaço, organizar hieraticamente o poder dos seus deuses, e que ali onde o feminino cobria o masculino e inversamente, no coração e na mente do povo que procedia a essas revelações, o masculino era o masculino e o feminino o feminino sem inversão nominal possível. Quero dizer que imediatamente o mesmo nome nunca servia duas formas, como formas de entidades realmente separadas, mas o mesmo nome era a contracção de duas formas, concebidas, parece, para se devorarem uma à outra; e a Síria de Heliogabalo tinha a um ponto supremo a noção dessa misteriosa fusibilidade.

O que nos diferencia dos pagãos é, na origem de todas as suas crenças, o terrível esforço de não pensarem como homens(*), de manterem o contacto com a criação inteira, quer dizer, com a divindade.

Sei bem que o mais débil transporte de amor verdadeiro nos aproxima muito mais de Deus do que toda a ciência que possamos ter da criação e das suas etapas.

Mas o Amor, que é uma força, não existe sem a Vontade. Não se ama sem a vontade, a qual passa pela consciência; é a consciência da separação consentida que

(*) *en hommes.*

nos leva ao despreendimento das coisas, que nos conduz à unidade de Deus. Ganha-se, o amor, primeiro pela consciência, e pela força do amor, depois.

No entanto, há muitos quartos em casa de meu pai. E aquele que, lançado através da terra com a consciência do idiota, sabe Deus depois de que faltas e trabalhos noutros estados e mundos que lhe valeram a sua idiotia; mas com à justa o que lhe é necessário em consciência para amar, amar com um despreendimento sem frases, num maravilhoso movimento espontâneo; ao qual tudo o que é mundo escapa, para o qual o amor é unicamente a chama, a chama sem os raios e a multipartição do lar, terá menos que este outro cujo cérebro une a criação inteira e para quem o amor é um minucioso e horrível descolar.

Mas — ainda a história do dedal — terá tudo o que pode absorver. Disfrutará de uma felicidade fechada que enchendo toda a sua medida, lhe dará, a este também, a sensação de imensidão.

Até ao dia em que este pobre em espírito será varrido como todas as outras coisas. Tirar-lhe-ão a sua imensidão. Julgar-nos-ão a todos, grandes e pequenos, depois dos nossos paraísos de delícias, depois da felicidade que não é tudo, quero dizer que não é o Grande Todo, quero dizer o Nada. Confundir-nos-ão, fundir-nos-ão até ao Um, Um Só, o grande Um cósmico que logo dará lugar ao Zero infinito de Deus.

Com o que volto aos nomes contraditórios dos deuses. E chamo, a êsses deuses, nomes; não lhes chamo

deuses. Afirmo que tais nomes invocam forças, maneiras de ser, modalidades da potência de ser diversificada em princípios, em essências, em substâncias, em elementos. As religiões antigas quizeram desde a origem fitar o Grande Todo. Não separaram o homem do céu, da criação inteira, desde a génesis dos elementos. E pode mesmo dizer-se que, na origem, viram claro sobre a criação.

O catolicismo fechou a porta, como o budismo a fechara antes dele. Voluntariamente e ciente mente fecharam a porta, dizendo-nos que não tínhamos necessidade de saber.

Ora eu creio que temos necessidade de saber, que é só de saber que temos necessidade. Se pudéssemos amar, amar de uma só vez, a ciência seria inútil; mas, sob a acção de uma espécie de lei mortal que provém do próprio pesadume e da riqueza da criação, desaprendemos de amar. Estamos metidos na criação até ao pescoço, estamos nela com todos os nossos órgãos: os sólidos e os subtis. E é duro remontar até Deus pelo caminho escalonado dos órgãos, quando os órgãos nos fixam ao mundo em que estamos e tendem a fazer-nos acreditar na sua realidade exclusiva. O absoluto é uma abstracção, e a abstracção requer uma força que é contrária ao nosso estado de homens degenerados.

Que, depois disto, espante que os pagãos se hajam tornado idólatras, que tenham chegado a confundir as efígies com os princípios, que o poder de atracção dos princípios lhes tenha por fim escapado...

E nós, cristãos, não fazemos o mesmo? Não temos, nós também, as nossas efígies, os nossos tótemes, os nossos pedaços de deus, que se fixarão em formas,

em separações da quantidade de deuses na cabeça e no coração dos nossos devotos?

Uma coisa nomeada é uma coisa morta, e morta porque separada. Excessos de devoções a coroas de espinhos, a lascas da cruz, a corações de Jesus venerados aqui e acolá, a Sangues e a Crismas, a múltiplas Virgens, negras, brancas, vermelhas ou amarelas, respondendo a outras tantas adorações separadas, representam para os indivíduos que a elas se entregam o mesmo perigo do espírito, a mesma ameaça de queda numa idolatria irremediável, igual das alterações da energia criadora dos mistérios dos deuses pagãos.

Pensa-se Deus na consciência, não a consciência cósmica, mas a consciência individual, e, ante uma consciência que pensa por formas e por imagens, quem dirá jamais que homem não toma as suas imagens pelo seu pensamento?

O dogma cristão está contido no Credo, acredito, mas do Credo à minha consciência individual há um mundo de interpretações, de bibliotecas de santos, de heresias e de concílios. E só o inferno não muda.

De resto, o catolicismo, que fecha a porta do conhecimento, abre a do misticismo. Escondeu o que devia ser escondido. Dá um nome mais duro ao que está na base das antigas iniciações. Mas o resultado final é o mesmo, a despeito da diferença do vocabulário e das concepções.

Todavia, no amor, há conhecimento; e duvido que, queimados na sua carne, transportados aos píncaros do ser, os santos cristãos tenham alguma vez chegado a ultrapassar esse espantoso *não mais*, onde tudo o que é se comprime e acaba no que já não é.

De novo volto aos deuses, aos deuses devastadores que se entredevoram como caranguejos num cesto.

É apaixonante constatar que quanto mais antigo é um culto, mais terrível a imagem que faz dos deuses; e que só podemos compreender os deuses pelo seu lado terrível.

É que os deuses só valem pelo Génesis, pela batalha no caos.

Na matéria não há deuses. No equilíbrio não há deuses. Os deuses nascem da separação das fôrças e morrem da sua reunião.

Quanto mais próximos da criação, mais o seu aspecto é tremendo, mais as suas figuras correspondem às fôrças que contêm.

Platão fala da natureza dos deuses, identifica-os com os princípios, sem por isso nos deixar ver mais claro êsses princípios que são fôrças e essas fôrças que são deuses.

Perguntaram a Jâmblico porque são sol e lua deuses visíveis, uma vez que os deuses não têm corpo.

Eis o que ele responde, n'*O Livro dos Mistérios*:

«Os deuses não estão nos corpos, mas as suas vidas e acções divinas estão-no; não se inclinam para os corpos, mas os corpos inclinam-se para a causa divina.»

A gente mais grosseira é que criou os deuses que nos atiram à cabeça e se ainda hoje, para falarmos apenas nos autores falsificados nas aulas, fôssemos capazes de compreender Platão como deve ser compreendido, poderíamos, pelo caminho do esoterismo

antigo, ir até uma noção de deuses-princípios que não deve ser confundida com as figurações antropomórficas.

Eis, de resto, toda a questão:

Há realmente princípios? Isto é, princípios separados, ocultos atrás das coisas? Ou, nouros termos, os deuses da nomenclatura pagã têm uma existência menos afirmada e menos válida que os princípios que nos servem para pensar? Esta pergunta faz nascer outra: há no espírito do homem faculdades realmente separadas?

Pode de resto perguntar-se se um princípio é algo mais do que uma simples facilidade verbal; e isto leva à questão de saber se alguma coisa existe para além do espírito que pensa, e se, em absoluto, os princípios existem como realidades ou como seres divinos na sua energia.

Em que medida, e tanto quanto se vá até à origem das coisas, dos princípios vividos como realidades separadas, podem êles escapar a um jôgo do espírito que os envolve? Há no próprio homem faculdades-princípios que tenham existência distinta e poderiam viver separadas?

Há momentos de eternidade que se podem fixar como se fixam as notas de música, e encontrar através dos números? — e existirão separadas, essas notações?

Para os alquimistas, êsses momentos de eternidade fixa correspondem ao aparecimento da estréla no crisol.

A questão parece-me estúpida. O absoluto não necesita de nada. Nem de deus, nem de anjo, nem de homem, nem de espírito, nem de princípio, nem de matéria, nem de continuidade.

Mas se no contínuo, na duração, no espaço, no céu de cima e no inferno de baixo, os princípios vivem separadamente, não será como princípios que vivem, mas como organismos determinados. A energia criadora é uma palavra, mas torna possíveis as coisas, excitando-as com o seu fogo sustentador. E da mesma maneira que no mundo criado há todas as qualidades da matéria, todos os aspectos da possibilidade, elementos que se contam por números e se medem pela sua densidade, assim também o fluxo criador que arde ao contacto com as coisas — e cada disparo do fogo da vida sobre as coisas equivale a um pensamento —, o fluxo interior aos organismos fechados, que vão da nossa rudeza material à mais imponderável subtileza, compõe isso que tem nome de Seres, e que mais não é do que sôpros na duração.

Os princípios só valem para o espírito que pensa, e quando pensa; fora do espírito que pensa, um princípio reduz-se a nada.

Não se pode pensar o fogo, a água, o céu; reconhecêmo-los e nomeamo-los porque existem; e sob a água, o fogo, a terra ou o céu, sob o mercúrio, o enxofre e o sal, há matérias ainda mais subtils, que o espírito não pode nomear porque não aprendeu a conhecê-las, mas que algo mais subtil do que o espírito, mais profundo que tudo o que nos está na cabeça, pressente, e poderá reconhecer quando aprender a nomear. Pois, se os princípios valem para o espírito, as coisas valem para as coisas; e não há paragem na

subtileza das coisas, como não há obstáculo na subtilidade do espírito.

No tópo das essências fixadas, correspondente às inumeráveis modalidades da matéria, existe aquilo que, na subtilidade das essências, na violência do fogo ígneo corresponde aos princípios geradores das coisas, aquilo que o espírito que pensa pode denominar princípios, os quais porém correspondem, em relação à totalidade fervente das coisas, a graus conscientes da Vontade na Energia.

Não existem princípios da matéria subtil ou do enxofre ou do sal, mas, para além do sal, do mercúrio ou do enxofre, matérias ainda mais subtils que, no último extremo da vibração orgânica, dão conta da diversidade do espírito através das coisas; e a quem pede lhe sejam apresentadas as coisas, só os números respondem dando conta das suas existências separadas.

Decerto que não sou pelo dualismo Espírito-Matéria; mas entre a tese que dá tudo ao espírito e a que dá tudo à matéria, digo que não há conciliação possível enquanto estivermos num mundo onde o espírito só pode ser alguma coisa quando consente em materializar-se.

A matéria só existe pelo espírito, e o espírito só existe na matéria. Mas no fim de contas é o espírito que tem a supremacia.

E a isso de saber-se se há princípios que podem explicar as coisas, parece-me agora fácil responder que não há princípios mas sim coisas; assim como há coi-

sas sólidas, e nos sólidos rareza; e agrupamentos de matéria única que dão a ideia de perfeito — e seres para darem contas do Ser que se desrolha da Unidade.

E tudo isso só é válido para este mundo que incha e adquire aspereza, e para o olho do espírito que lançam no meio das coisas — e quando o lançam. E é demasiado fácil asseverar que, se no espírito não há nada, tudo o que existe é função do espírito. E as coisas são funções do espírito. Têm uma unidade passageira e funcional; válida só para o gerado.

Nada existe senão como função, e todas as funções levam a só uma; — e o fígado que faz a pele amarela, o cérebro que se sifiliza, o intestino que expulsa a porcaria, o olhar que lança fogo e transforma os lugares do fogo limitam-se, para mim, se expiro, ao pesar de viver e à ânsia de acabar.

De resto, pode fazer-se a mesma operação destrutiva, ou antes, compressiva, eliminadora do aspecto acidental das coisas, a propósito de tudo e de nada. Eu, fá-la-ei a propósito do Número; pois aquêle que pensa por Números igualmente se dirige a uma faculdade separada, que não vive senão separada e no instante em que a separam; não há necessidade de adicionar as coisas para apreender a sua duração. Sou obrigado a um grande dispêndio de espírito para encarar o que existe sob a relação da quantidade, ou melhor, daquilo que é separado e cifrado e acaba por formar um sinistro total. Não me digam que o Número, no sentido em que Pitágoras o entende, não se dirige à quanti-

dade e pelo contrário se dirige à falta de quantidade. E que a cifra escrita, na sua mais alta acepção, é um símbolo do que não podemos cifrar ou mesurar.

Julgo ter imposto já ao meu espírito estâncias bastante terríveis da ausência de quantidade, para ter, pelo menos, uma noção do que isso é. Mas, quer se cifre ou não, o estado que leva à separação dos princípios, quero dizer, das efígies, obedece a leis que podem ser reveladas pelos Números.

Os Números, isto é, os graus da vibração.

E se o Número 12 dá a ideia da Natureza no seu ponto de expansão perfeita, de maturidade integral, é que contém três vezes o ciclo completo das coisas, que é representado pelo 4; sendo 4 a cifra da realização no abstracto ou da cruz no círculo, e os 4 pontos ou nós da vibração magnética pelos quais tudo o que é deve passar; e 3 o triângulo que aspira três vezes o círculo, o círculo que contém o 4 e o rege pela Tríade, que é o primeiro módulo, a primeira efígie ou a primeira imagem da separação da unidade.

Todos êstes estados ou nós, todos êstes pontos, êstes graus da grande vibração cósmica estão ligados entre si e comandam-se.

Mas se 3, puro ou abstracto, permanece fixado ao princípio, 4 isolado cai no sensível onde a alma gira, e 12 na realidade escorregadia onde é preciso combater para comer, mas sem comer.

Pois se 12 torna possível a guerra, não a faz nascer logo, e 12 é a possibilidade da guerra, a tantalização

da guerra sem guerra, e há 12 no caso de Tântalo, essa pintura de forças estáveis mas hostis, porque oponentes, e que ainda não podem comer-se.

A guerra das efígies, das representações ou dos princípios, com mitos sobre a sua face externa e magia efectiva sob ela, é a única explicação do mundo antigo que permanece de pé. Mostra claramente a natureza das suas preocupações.

E essa guerra dos cémos é representada pelo alimento(*). Encarnou, ao menos uma vez, no alimento; perturbou, ao menos uma vez, uma grande e longa vez, o governo das coisas humanas, com lutas inexplicáveis onde os homens que se batiam sabiam porque se batiam.

Lançou uma contra outra, não duas nações, não dois povos, não duas civilizações, mas duas raças essenciais, duas imagens do espírito feito carne e que se batia na carne.

E esta guerra do espírito em hostilidade consigo mesmo, que durou tanto como o conjunto de várias civilizações, como pode ver-se nos *Puranas*, não é lendária, mas real. Teve lugar. E todos os princípios, cada um deles com a sua energia e as suas forças, participaram. E acima de tudo os dois princípios de que está suspensa a vida cósmica: o masculino e o feminino.

(*) viande.

Não vou relatar o cisma de Irshu, mas é él que engendra esta guerra, que põe de um lado o homem e do outro a mulher; que dá a seres de carne a noção de uma hereditariedade superior; que separa o sol da lua, o fogo da água, o ar da terra, a prata do cobre e o céu do inferno. Porque a ideia da constituição metafísica do homem, de uma hierarquia ideal e sublime de estados em que a morte nos lança para levar-nos a uma ausência de estados, a um inconcebível Não-Ser que de forma alguma é o nada, baseia-se na separação do espírito em dois modos, macho e fêmea, tratando-se de saber qual dêles é o princípio do outro, qual deles pôs o outro, quais o macho, a fêmea, o activo e o passivo.

Parece que inicialmente êstes dois princípios quizeram regular as suas contas a sós, por cima das massas de homens inconscientes que se batiam.

Porque esta guerra só chegou à guerra, só foi inexplicável e inevitável no dia em que se tornou religiosa e os homens tiveram consciência da desordem dos princípios que presidia à sua anarquia.

Foi para dar fim a esta separação dos princípios, para reduzir o seu antagonismo essencial que os homens pegaram em armas e se lançaram uns contra os outros, bem persuadidos de que só uma redução da matéria carnal seria capaz de contrabalançar, no céu, e de provocar essa fusão, essa colocação de essências, que só com o sangue se obtém.

Esta guerra está toda na religião do sol; encontramo-la, já no seu grau sangrento mas mágico, em Emesa; e se há já muitos séculos ela abandonara as incursões

militares, Heliogabalo segue-lhe o passo ao longo da linha de aspersão dos Tauróbolos, linha mágica que êle assinala, quando entra em Roma, com festas simultâneas de crueldade física, teatro, poesia, e sangue.

Se em vez de se atardarem em turpitudes cuja descrição puramente anedótica lhes afaga o gôsto pela crápula e o amor da facilidade, os historiadores tivessem realmente tentado compreender Heliogabalo, encontrariam na religião do sol a origem dos excessos, das loucuras e da alta crápula mística em que teve por testemunhas e coadjuvadores os deuses. Teriam acima de tudo encontrado o detalhe da tiara solar em corno de Scandro, isto é, de Carneiro, que faz de Heliogabalo o sucessor terrestre e o respondente de Rama e da sua maravilhosa Odisseia Mitológica. Compreenderiam então a razão de ser e a origem dessa inacreditável mistura de cultos: lua, sol, homem, mulher, de que a Síria é a figura viva e a surpreendente geografia.

Creia-se ou não numa raça de Instrutores Sôbre-humanos vindos do polo na época da primeira inclinação da Terra, e que parecem deslizar sobre ela até atingirem a Índia, há que admitir, num período muito anterior à História, a invasão de um povo de raça branca que vem ostentar insígnias, ritos e estranhos objectos sagrados como armas sobrenaturais (*).

(*) «... trouxeram da região nórdico-atlântica quatro objectos que mantinham estreita relação com os ensinamentos ali recebidos: uma pedra, uma lança uma espada e um recipiente. A "pedra fatídica", ou "pedra real", assim denominada porque, tal como um oráculo, podia reconhecer quem exercia legitimamente a realeza; a lança de Lug, deus do raio celeste, da qual se diz "nunca batalha alguma foi perdida por quem a empunhou"; a espada inexorável e invencível de Nuadu; o recipiente de Dagdé, cujo conteúdo sacia qualquer exército, por grande que êste seja.» (Jubainville «A epopeia céltica na Irlanda». (N. do T.)

Parece que, por fim, os partidários do Branco, isto é, do Macho, se instalaram no domínio conquistado; mas, conservando-o, perdem a noção do princípio intocável e único que tinham vindo revelar aos autoctones do Palistão.

Num texto misterioso, os *Vedas* parecem dar testemunho dessa alteração do princípio:

«SÓ ALGUNS NEGROS, ALGUNS VERMELHOS E ALGUNS AMARELOS FICARAM, MAS OS FILHOS DA LUZ BRANCA HAVIAM PARTIDO PARA SEMPRE.»

E enquanto os sectas do Branco, ou Hindus, ficam senhores da Índia que organizam segundo a lei do céu e o signo do Carneiro, legado por Rama, os «Pinksahs» ou «Ruivos», comedores do mênstruo cujas côres desfraldam na sua bandeira, buscam uma terra que se lhes assemelhe, e, com o nome de Fenícios, tecem nas margens do mar uma púrpura que perpetua a duração das suas crenças mais do que o poder da sua indústria.

Sem uma guerra pelos princípios nunca a religião do sol, inicialmente hostil à da lua, se teria arriscado a confundir-se com esta até lhe ficar inextricavelmente misturada. Não vejo como possa a História dizer-nos porque milagre um povo vindo dos Fenícios, zeladores da mulher, ergue nas suas terras, e mais alto que todos os outros, um templo ao culto do sol, isto é, do Masculino.

Porque Heliogabalo, o rei pederasta e que se quer mulher, é um sacerdote do Masculino. Realiza nele a identidade dos contrários, mas não a realiza sem dano,

e a sua pederastia religiosa tem como única origem uma luta obstinada e abstracta entre o Masculino e o Feminino.

Mas se em todos os países onde foi tentada a comunicação directa com as forças separadas de Deus, há templos para o sol e templos inimigos para a lua e outros templos para o sol e a lua juntos, nunca, em nenhum momento da História, e em terra tão pouca como na Síria, encontramos uma tal quantidade de templos onde o macho e a fêmea alternadamente se devoram, se unem, e separam as suas faculdades.

A vida de Heliogabalo parece-me o exemplo tipo desta espécie de dissociação de princípios; é a sua imagem, de pé e elevada ao grau mais alto da mania religiosa, da aberração e da loucura lúcida, a imagem de todas as contradições humanas, e da contradição no princípio, o que eu quiz descrever, como vai ver-se no capítulo seguinte.

III

A ANARQUIA

Em 217, em Emesa, Heliogabalo não tem quatorze anos mas já atingiu a beleza perfeita que todas as suas estátuas mostram. Tem carnes redondas de mulher, rosto de cera lisa, olhos de ouro queimado. Sente-se que nunca será alto, mas está admiravelmente proporcionado, ombros egípcios, largos, embora descaídos, ancas estreitas, um posterior que nada tem de proeminente. Os cabelos são de um loiro ruivo; a carne, demasiado branca, azula-se nas veias e, nas dobras e sombras, é de uma lividez bizarra.

Os lábios, vistos de perfil, sobressaem ligeiramente, como a boca do gargalo de uma garrafa. Ainda não é como podemos vê-lo no Louvre, com, sob o queixo, a penugem encaracolada leve de púbis loiro. Sobretudo, não tem aquela boca ignóbil, aquela boca esburacada de sugador (*).

Está no apogeu da beleza do efebo que vai usar da sua beleza.

E a feminilidade irreprimível, a marca venusina que transparece, mesmo sob a luz, a luz da tiara solar que ele veste todas as manhãs, é à mãe que a deve; à mãe, a prostituta, a cadela, a mundana atirada às sevícias do masculino. E quando, a propósito de Júlia Soémia,

(*) *suceur*.

falo de sevícias do masculino, digo que as épocas de círcio de Júlia Soémia não se dirigem a simples aproximações de epidermes, digo que é por uma ideia ritual e por princípio que ela se entrega, não aos machos que a querem, mas aos que ela distingue.

«Vivia como cortesã, diz Lamprídio, incapaz de resistir a um capricho. E todos, até ao mais ínfimo escravo, coravam dos seus desmandos.»

Identifica-se com Vénus, a lua húmida, o feminino tépido que não desce até ao negro. De resto, não assevero que essa identidade ritual a impedissem de, uma vez por outra, forniciar fora do princípio.

De qualquer modo, Júlia Soémia é, do ponto de vista sexual, aquilo a que chamam uma peça escolhida. Das quatro Júlias é ela a mais perfeita fisicamente. Corresponde ao câncone de beleza feminina, um pouco gorda, criado por Dürer. É dizer que no seu físico há alquimia mil anos antes da alquimia.

Torneada, maciça, tal a mostram as suas estátuas e medalhas, a pele de âmbar e polvilhada de ouro esta também, e sempre com aquela bruma cínzea que lhe lança uma sombra na pele.

O seu sinal é a violeta «Ioné», flor do amor e do sexo porque se desflora como um sexo. E, sobre o ombro, tem a pomba «Ioná».

Como Domna, entrega-se a quem a serve; e sabe farejar quem há-de servi-la.

Ou melhor, ou o que mais notável, os seus amores servem Heliogabalo, prosseguem-se, conjuram-se para a glória de Heliogabalo, o efebo que ela seguirá, mesmo na morte.

A este amor, Heliogabalo corresponde por inteiro,

como reconhece Lamprídio, que não chega ao ponto de dizer que Heliogabalo é um bom filho, dando antes a entender que há incesto neste amor pela mãe e uma ponta de inversão sexual no amor de Soémia pelo filho.

«Foi tão dedicado a Semiamira, sua mãe, diz Lamprídio, que nada fez pela república sem a consultar primeiro, enquanto ela, vivendo como cortesã, se entregava no palácio a toda a espécie de desordens. Também as suas bem conhecidas relações com Antonino Caracallus deixam naturalmente alguma dúvida sobre as origens de Varius ou Heliogabalo. Há quem chegue a dizer que o nome de Varius lhe foi dado pelos seus condiscípulos por ter nascido de cortesã e, por conseguinte, de uma mistura de sangues.»

Nos amores, na facilidade, e, pode dizer-se, na apatia sexual de Júlia Soémia, nessa mistura de sémens, existe uma vontade e uma ordem. Há mesmo uma unidade, uma espécie de lógica misteriosa a que não falta crueldade. Crueldade contra ela própria, primeiro:

«Quando Moesa, mulher ambiciosa até ao excesso e preferindo arriscar tudo a permanecer na obscuridade da condição privada, é informada das disposições favoráveis (dos soldados para com Heliogabalo), logo decide aproveitar delas. Começa por espalhar o rumor de que o jovem Heliogabalo é, não apenas parente, mas filho de Caracalla; e, não temendo desonrar a própria filha, dizia que este imperador a amara e obtivera dela todos os favores. E estas palavras causavam forte impressão nos soldados.»

Longe de lavrar o seu protesto, Soémia faz-se cúmplice da mãe, é sua aliada na apresentação da adúltera. O que para outra mulher seria uma prova de infâmia,

é para ela um ponto de honra. E reivindica essa infâmia, essa honra. Sim, amou Caracalla, sim, entregou-se a Caracalla. Grita-o por todo o lado, e dá referências. Fôra no ano de 203 em Roma, ainda ela não era viúva, no palácio de Caracalla, na própria cama de Caracalla. Sim, êsse guerreiro passou por cima dela: é sem dúvida o pai de Heliogabalo.

E para os soldados que acampam em Emesa e idolatram Caracalla, Heliogabalo é o rei visível, o vero descendente do deus equestre. O verdadeiro filho de um guerreiro.

Mostra-se então, êsse guerreiro, aos soldados. Enquanto Soémia prova a sua raça, demonstra a sua alta filiação, Júlia Moesa leva-o como uma múmia aos soldados, como nas Santas Marias do Mar, na Provença, propõem às multidões de ciganos um braço conservado de Maria Egípcia, ou as cabeças das outras duas Marias.

*
* *

Em volta do templo de Emesa há misteriosas idas e vindas. Júlia Moesa aqueceu os espíritos. Os subterrâneos do templo estão repletos de ouro real, o ouro romano trazido para Antioquia por Júlia Domna, o ouro transportado por Moesa do minúsculo templo de Antioquia, que se cadaveriza lá em baixo, no fim da sua extensa rua, para o alto do templo de Emesa, que transborda de manhã à noite de gritos e de músicas e, a espaços, surge iluminado como um braseiro.

A circulação subterrânea que alimentava, da aurora ao crepúsculo, a rapacidade do grande deus solar, parece ter saído para a luz, ocupado o dia exterior.

Os movimentos de tropas comandadas por Macrinos dissimulam o que essa circulação poderia ter de inquietante para o senhor da hora.

As caravanias de ouro afluem interminavelmente ao templo, acompanhadas de gente bizarra.

Dessa horda, destaca-se um homem: alto e sombrio, de ancas flexíveis e peitorais resplandecentes, traz sob o abdômen a marca de uma crueldade toda nova, toda recente, exercida sobre él por Júlia Soémia.

Gannys, o amante de Júlia Soémia, o preceptor de Heliogabalo, acaba de sofrer a castração ritual. Na carne bronzeada do seu rosto afloram nervuras marmóreas, ocasionadas por abundante perda de sangue.

Gannys é um homem piedoso, um iniciado do sacerdócio solar; ser o amante da mãe do deus solar é para este iniciado uma grande honra. Mas é uma crueldade premeditada o que leva Soémia a que lhe seccionem o membro. No seu gesto não há só ciúme, mas desejo de marcar o espírito de Gannys com um ferro indelével.

De resto, Gannys é o preceptor de Heliogabalo. Soémia farejou nele um espírito subtil, uma inteligência prática e sagaz, que se revelará quando necessária, os servirá, a ela e ao filho, em circunstâncias que se avizinharam e hão-de requerer um homem forte, se não pela virilidade perdida, pela solidez de uma cabeça submissa aos interesses de Elagabalus, o Cone erectil, representado por um rapazinho.

Gannys o grave, o subtil, é dobrado por um segundo enuco que também colheu os favores de Júlia Soémia

e também se viu pago com a supressão do membro. Este enuco segundo, Eustíquio, é um pobre momo, uma natureza abjecta e da mais amorfa feminilidade. Gannys precisa dele como Quixote precisa de Sancho Pança e D. João de Sganarello. E pode dizer-se que Júlia Soémia se lhe entregou por equidade; e porque sente a versatilidade profunda, a natureza espasmódica e fluida do espírito de Heliogabalo, que terá ao pé de si aquela espécie de bobo encartado servindo de contrapêso à seriedade de Gannys.

Na lógica amorosa de Soémia, na sua maternidade absorvente e expectante, são nítidas todas estas noções, esta lucidez previdente que vai aos mais ínfimos detalhes.

No que segue veremos que a sua lógica não a enganou.

Júlia Soémia sempre fez amor na mira de qualquer coisa e, de momento, a coisa para que olha é o triunfo de uma conspiração.

Nessa conspiração entram os dois polos da sua complexa sexualidade:

GANNYS O SUBTIL,
EUSTIQUIO O GROTESCO,

como entram os transbordos clandestinos do ouro de Júlia Moesa, e as paradas diárias de Heliogabalo nas escadarias do templo, sob o qual se cruzam em galopes sem fim os cavaleiros scitas e os mercenários macedónios.

Todos os dias, Elagabalus sobe ao templo. Põe a tiara solar de chifres de carneiro. Ergue-se recamado de amuletos, de pedras vivas, de esmaltes preciosos. Cintila como um braseiro. Belo de uma beleza capaz de desconcertar peitos bárbaros que nunca tinham visto um rei arder, uma estátua de carne humana arder sem se consumir.

Moesa, que sabe como levar os entusiasmos ao rubro, faz distribuir a mãos cheias, sem conta, o ouro solar; mas, chegada a noite, desce os andares subterrâneos do templo e classifica os lingotes: etiqueta-os, arruma-os como um taifeiro na alfândega.

Toda a sua vida cumprirá esta previdência meticulosa, esta inteligência que vê longe e sabe preparar as coisas de longe.

Por exemplo, quando, numa carta pública que chegou até nós, escreve a Heliogabalo exprobando-o pelo dinheiro que ele gasta, dizendo que lhe cabe acautelar o tezouro da família, que é dinheiro arrecadado para glória dos Bassianidas e não para a dele.

Por agora, o mais urgente é reaver o trono cuja perca levou Júlia Domna ao suicídio; é expulsar o parasita, o ignóbil castor que se tornou rei de Roma à custa de um assassinato: Macrinos. Coroado pelo sangue, será expulso a sangue, e, se necessário, pela guerra; os pequenos assassinatos clandestinos não são o estilo de Júlia Moesa. Ela não teme as manobras subterrâneas, conhece-se no ofício de térmita, na perfuração da mina, no avanço por baixo. Mas é preciso que tais manobras sirvam, que atinjam o grandioso. Pois aquele que coloca a mina sabe que tudo acabará pelo fogo, pela grande explosão solar, em pleno dia, em plena matéria, num

arrancar de matérias que apagará todo o trabalho subterrâneo.

Face à inteligência grandiosa da irmã, grandiosa mas que só se exerce no abstracto, Moesa agarra-se aos factos.

E, na ordem dos factos, o seu primeiro é, na morte de Séptimo Severo, aquela estúpida partilha do trono entre dois energúmenos ambiciosos e exasperados: os seus dois filhos, Caracalla e Geta.

Aposto que a sagradação de Heliogabalo como sacerdote do sol aos cinco anos de idade seguiu de muito perto a morte de Séptimo Severo; Júlia Moesa fareja bem o vento.

Outro facto será a nomeação de Macrinos para prefeito do pretor, nomeação que ela decerto apadrinhou. Rata, sentira há muito o odor hostil de Macrinos e há muito deliberara tornar em proveito próprio aquela hostilidade, mesmo ao preço de um crime. Pois existe outro facto, mais cruel e dissimulado: o assassinato de Caracalla, perpetrado pelo débil Macrinos mas desejado e sem dúvida aconselhado por Moesa, se sabemos ler nos factos.

Esta mulher deve ter tido o espírito da intriga geométrica que cria a sua teia segregando como por magia a própria matéria do tecido.

Porque há um último facto: se Domna, filha de Bassianos, foi rainha, e através dela reina um Bassiano na pessoa de Caracalla, para Moesa isso deu-se através de um sangue desviado, de um sangue que não vem da

fonte própria: a sua. E que não é o sangue do Sol, quero dizer, o verdadeiro sangue do Sol, ainda que nascido da mesma semente; não é sangue baptizado, nascido, imantado, atraído ao ar pelos ritos e, sob a epiderme, religado em massas puras, perfuradas e puras — voltando a ser sem mácula sob a pele, como o sangue de Heliogabalo.

Heliogabalo, provindo do Sol, foi devolvido ao sol. Renovou com o sol. Aos cinco anos de idade, algum tempo depois da morte de Séptimo Severo, Moesa consagra-o ao sol. Restabelece a cadênciea imaculada, a realidade da sua descendêncie, expondo-o como se deve aos raios do Forno Celeste.

Portanto, aos cinco anos, início do complot: Heliogabalo consagrado ao Sol.

Antes de prosseguir direi uma palavra sobre a época de sangue, de crueldade, de crimes fáceis que favoreceram o advento de um Macrinos.

*
* *
*

Morto Séptimo Severo, reina seu filho Caracalla. Mas não reina sozinho: partilha o poder com Geta, seu irmão mais subtil mas também menos lesto.

Esta promiscuidade incomoda ambos; cada um deles pensa eliminar rapidamente o outro. Sonham juntos o mesmo assassinato.

Geta o subtil segregá a sua teia mas Caracalla, sem teia, degola o irmão nos braços de Júlia Domna.

Dião Cassius, tomado de facciosismo político, acusa Júlia Domna de se ter entregue a Caracalla sobre o sangue de Geta, seu filho. É soberbo. Mas será verdadeiro?

Não é impossível que o seja.

Júlia Domna, eliminada durante algum tempo dos conselhos do Império, retoma as rédeas do governo.

E o ascendente que exerce sobre Caracalla não afrouxa. Exerce-o até à morte (à morte de Caracalla).

Caracalla acaba manando sangue. Tomba numa embuscada de militares, algures para os lados do Eufrates, a caminho de um templo do deus Lunus, ao qual ia sacrificar.

Macrinos, por algum tempo chefe da guarda pretoriana, é o instigador dessa cilada e é quem lucra com a morte do imperador.

Deviam estar muito em baixo as coisas do governo do império romano para que um indivíduo tão insignificante, que a seu favor só tem o seu capricho, a sua maldosidade, e uma audácia que não passa de medo pudesse, impelido pelo medo, tornar-se senhor de Roma. Pois consta que, se Macrinos mata o imperador, se é o chefe da intriga que culmina no assassinato do imperador, o faz à força de medo; porque, como chefe da guarda pretoriana, terá receado pela própria pele; por fim, para encobrir-se, ordena a morte do oficial da guarda que suprimiu Caracalla; o que é feito à espadeirada, pelas costas.

Feliz espadeirada, que dá lugar à ideia de sangue, que inicia a série de crimes e abre a Heliogabalo a estrada da realeza. Pois o crime de Caracalla assassinando o irmão é um ajuste de contas em família; é um crime que não começa nada.

Daquela espadeirada morre Domna; mas Moesa não a recebe em vão, encaixa-a como um verdadeiro guerreiro.

Vingar-se-á de Macrinos, lavará com sangue aquela afronta feita à honra dos Bassianos. Restabelecerá os Bassianidas no trono dos Antoninos.

Decide então que Elagabalus, seu neto, será rei.

Em primeiro lugar, tem a beleza, o porte físico de um rei; mas sobretudo tem, de um verdadeiro rei, a ascendência espiritual. É da linhagem dos padres-reis de Emesa. Tanto quanto se alcança na genealogia dos reis solares há, de mãe para filho, quantidades de Elagabalus; a sua filiação é incontestável: prossegue-se sem sombra de interrupção. Heliogabalo tem o direito de reinar.

Quando Macrinos, o usurpador, se instala em Antioquia, vivendo ali a vida fácil e abandonada de um sátrapa oriental, pode dizer-se que no trono de Roma não se senta ninguém.

Os historiadores da época falam dele como de um pobre de cristo, de um idiota fardado de rei.

Era, pretendem eles, de origem plebeia e, para disimular a sua baixa extracção, estudava atitudes físicas de rei. Andava pelo palácio com grande espalhafato de longos mantos, mudava o tom, modificava a todo o instante o diapasão da voz. Se não tinha o espírito nem a penetração de um Marco Aurélio, falava como Marco Aurélio, num diapasão sempre muito baixo onde a voz rouca parecia soçobrar.

Eis o fantoche com que Moesa depara no momento em que se decide a agir; e age, segura de que o vento de fortuna que impelira o fantoche à realeza não se produzirá segunda vez.

De resto, toda a gestão de Macrinos é um prodígio de imprevidência, de impotência, de fatuidade. É sob os seus olhos que Moesa empilha e torna inviolável o ouro trazido de Roma e de Antioquia.

Uma vez bem guardado tal tezouro, há que cultivar as consciências e o terreno.

É aqui que Gannys aparece.

Se, na preparação do complot, Moesa é o cérebro ordenador, Soémia é a atmosfera, o espaço, o ar, o fundo genésico, o envolvimento voluptuoso; e Gannys o executor audaz.

Gannys é o homem que vimos naquêle vai-vem de vitualhas, de homens, de animais, de barras de ouro luzindo apertadas em sacos de corda, entre o patinhar de soldados que servem de biombo ao transporte do ouro.

Um dia, aparece com um pano ensanguentado entre as coxas. E num outro dia, surge Eustíquio com o linho sangrento ele também. Eustíquio, que eleva a voz até ao falso grotesco, que se desengonça em caretas para distrair a atenção dos soldados, para divertir-los com as suas facécias.

Enquanto Eustíquio os diverte, Gannys fala-lhes. Distribuindo em torrente o ouro de Moesa, versa-lhes ao ouvido palavras terrivelmente concisas, adequadas à circunstância.

Palavras subtils e claras. Sedutores e bem formuladas. Que transportam dos olhos para o espírito dos soldados, e dos seus espíritos para todo o seu ser, o

espectáculo de um rei que arde. Que levam êsses bárbaros, a quem nunca ninguém falara antes, a tirar a consequência activa da visão que os comove. E toda a comoção equilibrada a ouro é uma comoção inovável.

Uma vez preparado o terreno, e as consciências bem trabalhadas e preparadas como um pintor prepara a sua tela, com fundos que transparecerão uma vez terminada a obra, Júlia Moesa vê chegado o momento de agir. E age.

Conduzido por Gannys numa noite de Junho de 217 — 217 se considerarmos as estelas, as placas, as inscrições lapidares, a inclinação dos signos celestes; 216, a acreditarmos nos textos, duvidosos, dos historiadores da época — Heliogabalo, revestindo a púrpura, é levado ao acampamento dos soldados.

A acreditarmos nos historiadores da época, Heliogabalo é apenas um títere, uma cabeça de múmia vazia, uma sórdida estátua de rei. E, nas mãos de Júlia Moesa, que não se atarda em princípios morais, que se entrega inteiramente à política; um membro que ela agita por cima das cabeças dos soldados.

Quando necessitam, e de todas as vezes que necessitam, os historiadores mostram-nos a personalidade de Heliogabalo através dos seus actos de rei. E, para eles, essa personalidade só se manifesta uma vez: sob os muros de Emesa, durante a batalha que lhe valeu a realzeza. Ali, o pequeno Heliogabalo, que ainda não tem quatorze anos, consegue reunir, à frente de mil cavaleiros scitas, as tropas sírias que debandavam, e, desprezando o perigo, esposeando um minúsculo cavalo branco, precipita-se sobre as coortes de Macrinos!

«Os pretorianos de Macrinos, todos tropas de elite, e mais prontos e dispostos porque se haviam desembaraçado do que mais lhes pesava nas armaduras, combateram com tanto denodo que atravessaram as linhas inimigas, começando por lançar nelas a desordem. Ante êste perigo, a ambição e a audácia fazem de Júlia Moesa e de Júlia Soémia heroínas. E, nesta ocasião, a única em toda a sua vida, o jovem Heliogabalo também evidencia algum valor. Montado num cavalo de guerra, de espada nua na mão, com o próprio exemplo anima os seus soldados a retomar o combate. As suas exortações são decisivas. Ao desânimo sucede a coragem.

«Voltam aos seus postos os que debandavam. Cerrando fileiras, dispõem-se firmemente a recuperar o terreno perdido.»

Compreende-se que os tenha chocado êste rasgo que citam e os impressiona: trata-se de um feito militar, e Heliogabalo, que depois não hesitou em fazer correr sangue, derrama ali sangue de guerra, vertido na e pela guerra, sangue tirado a soldados que depois darão belos cadáveres de lutadores e de militares.

Ora eu considero que heroísmo, e heroísmo em todos os campos, foi o que menos faltou ao pequeno Heliogabalo que sobe ao trono com quatorze anos e dali cai aos dezoito, manando sangue.

É sem dúvida por heroísmo que Heliogabalo comete êsse acto de crueldade insigne, por todos considerado ímpio e abominável porque imotivado e porque gratuito; o acto de matar com as suas próprias mãos

Gannys o subtil, o preceptor que êle ama mas que põe obstáculos aos seus excessos.

Os historiadores insistem em que ninguém quiz consumar êsse acto ímpio e estúpido ordenado por Heliogabalo; e que teve de ser êste, depois de muitas hesitações, angústias, reflexões e voltas sobre si-mesmo, a executá-lo com as suas mãos.

Ora, Gannys era o preceptor bem amado, o iniciador nos ritos do sol pai, cujo sangue ensinava a manejar.

Que Heliogabalo fosse um iniciado, no sentido que hoje damos, é pouco provável; o seu comportamento parece demonstrar que nunca foi um iniciado de alto grau. De resto, só se é iniciado em ritos, operações, sinais exteriores e passes hieroglíficos que abrem a via do sagrado. E não se pode duvidar da obstinação de Heliogabalo em iniciar-se em toda a sorte de operações e de ritos diferentes, e por vezes os mais opostos.

«Também se fez iniciar, diz Lamprídio, nos mistérios da Mãe dos deuses; e arrogou-se o Tauróbolo, com o fim de fazer retirar a estátua da deusa e surpreender tudo o que lhe servia o culto e era inviolavelmente vedado aos profanos. Viram-no no templo, entre enucos fanáticos, movendo a cabeça em todas as direcções e ligando as partes genitais como fazem os galos; e, depois de apeada, levou a estátua para o santuário do deus dele.

Representava Vénus chorando Apolo, com todo o aparato de gemidos e contorções que caracterizam na Síria o culto de Salambô; assim pressagiava o seu fim próximo. Dizia altivamente que todos os deuses não passavam de ministros do seu deus, dando a uns o título de oficiais camareiros, a outros o de criados, a

outros outras funções no serviço da sua pessoa. Na Laodiceia, pretendeu retirar do templo de Diana as pedras a que chamam Divinas ali colocadas por Orestes, incluindo a da deusa que já dali levava.»

Portanto, enquanto se servem dele como de um títere, um palhaço fardado de rei, enquanto o manipulam como a um membro — e as paradas diárias nas escadarias do templo são parte dessas manipulações — enquanto todo o mundo trabalha por êle, todo o mundo, isto é, Júlia Moesa a avó, Júlia Soémia a mãe, e os dois enucos dela, de Júlia Soémíria: Gannys o previdente, o sagaz, Eustiquio o grotesco; e, ao lado de Júlia Soémia, Júlia Mamoea, que, simulando trabalhar para êle, trabalha para o filho, o pequeno Alexandre Severo, (para pôr no lugar de Heliogabalo um jovem imperador de vêrga pura e cabeça de carneiro frisado): enquanto todos trabalham por êle, Heliogabalo trabalha para êle, mas de um modo que deixaria espantados os historiadores da época, se se tivessem arriscado a observá-lo de mais perto. Podem levá-lo todos os dias ao templo; e, revestido da tiara solar de chifre de carneiro, fazê-lo dançar sobre os ritos como uma estátua silenciosa; Heliogabalo, ajudado por Gannys, sabe tudo o que se passa e vai aproveitar de toda aquela intriga.

Mas aproveitar dela como um rei. Com magnificência e grandeza, com uma consciência verdadeiramente real dos poderes que cabem ao rei e que êle descobriu atrás dos ritos.

*
* *

E nesses ritos está o seu nome:

EL-GABAL

E toda a série inumerável de grafias que correspondem a pronunciações graduadas, a jactos que se fundem, a formas em leque, às figuras, negras, brancas, amarelas, vermelhas, da Alta Pessoa de Deus.

E por sua vez essas figuras correspondem a côres e a raças de estrélas dispostas em grupos no Zodíaco de Rama.

E as quatro grandes raças humanas respondem como ecos orgânicos às divisões do Zodíaco de Rama inspirado por Deus.

E todos êsses estados divergentes, todas essas formas furtivas, todos êsses nomes irrompem em cascata no nome contracto de

HELIOGABALUS ELAGABALUS EL-GABAL

Trinta povos marcharam, sonharam, em volta da riqueza dêste nome, cuja enunciação faz nascer como uma rosa dos ventos, em todos os sentidos, as imagens de trinta forças.

Gannys o preceptor, à sombra dos esmaltes e das pedras vivas, ensinara-lhe o sentido dos ritos, a fôrça eruptiva dos nomes.

Os nomes, não os dizemos com a parte alta da cabeça, dizêmo-los com os pulmões, antes de chegam à cabeça. O que a cabeça ordena não forma nome senão nos pulmões.

E isso é feito com

GABAL

elemento elástico e modelador.
Coisa que toma forma e dá a forma.

E em

EL-GABAL

está

GABAL

que forma o nome.

E em

GABAL

há

GIBIL (*em velho dialecto acádico*).
Gibil, o fogo que destrói e desforma, mas prepara o renascimento da Phenix vermelha, saída do fogo, emblema da mulher, da mulher pelo ménstruo vermelho-fogo.

E em

EL-GABALUS

há

EL

que significa deus e se escreve com ou sem H; que, fundido com Gabal dá

HELAH-GABAL

E a terra de Elam, cérca da Batriana, é a terra de deus.

Mas em

GABAL

há ainda

BAAL

ou

BEL

ou

BEL-GI

Deus Caldeu, deus do fogo, que, pronunciado, escrito, ou soletrado em sentido inverso, dá

GIBIL

(Kibil? o fogo, em velho dialecto aramaico).

E ainda

GABAL

que significa Montanha, em dialecto caldeu-aramaico.

E há sobretudo

BEL

deus supremo, deus redutor, pelo qual tudo é reconduzido ao princípio, deus unitário, eliminador.

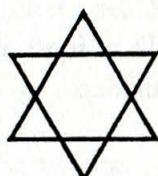
O nome Heliogabalo liga o poder de todos êstes nomes, nos quais só um, o primeiro que nos vem ao espírito, o sol, não intervém.

Foram os gregos que introduziram Helios no nome de Heliogabalo e o confundiram com

EL

deus supremo, deus dos cumes. Pois se o Sol intervém no seu nome, é como referência a um lugar elevado, identificável ao cone, já que, em princípio, toda a montanha pode ser representada por um cone ou por uma ponta, e o sol, por sua luz, é a ponta do mundo criado.

O mundo de cima e o mundo de baixo ligam-se na estréla de seis pontas, sêlo mágico do rei Salomão, e



ambos êsses mundos terminam em ponta, o visível como o invisível, o criado como o incriado.

Esse deus formador e disformador que tem em si todos os nomes dos deuses, todas as formas que eles adoptaram.

Desde

SATURNO ISWARA

o sol, princípio ígneo, princípio macho,

até

RHEA, PRACRITI,
a lua, princípio húmido e feminino,
que se situam nos polos opostos da manifestação formal: o masculino e o feminino.

Que Saturno seja o sol, como Apolo é o sol, deixa de poder surpreender quando se sabe que deus, que desce, varia as suas formas e poderes segundo as suas formas de acção.

E é sabido que

RA

o sol

para os egípcios é um gavião, mas também um bezérro ou um homem, e o bezérro colocado deante do homem —segundo o uso invocado.

Mas se

RA

se transforma em

BEL-SCHAMASCH
na Caldeia.

E é o *juiz* que determina os costumes dos caldeus.

E

APOLO

força agente do sol, sem perder o nome, desdobra-se numa sombra, numa espécie de cognome, que nunca o abandona.

Assim, puderam chamar-lhe

APOLO LOXIAS

APOLO LIBYSTINOS

APOLO DELIOS

APOLO FEBUS

APOLO FANES, e Apolo Fanes é Apolo em contrapartida, a duplo golpe, ou dupla semente.

APOLO LYCIAS

APOLO LYCOFAS, e Apolo Lycofas é Apolo o lobo, que devora tudo, mesmo as trevas.

E Apolo que, formado de substância, se move na órbita da sua substância, também é chamado:

APOLO ARGYROTONUS.

E a Apolo chamam por vezes

APOLO SMYNTHEUS, que é o

excedido, o extremado, o ponto de ruptura, o abcesso maduro.

Há enfim

APOLO PÍTIO, que, macho, ignora Pítia fêmea; e nada tem a ver com os oráculos. Apolo que estrangula, que domina a Serpente-Piton.

O humor do Caos expele brumas que serpenteiam à roda da terra, tomando a figura de um dragão.

E Apolo, o princípio ígneo, ergue-se num ímpeto que alcança as esferas de onde atravessa com as suas flechas os anéis da Serpente-Piton.

Nestas ideias soberanas e nestes nomes, que lhe pertencem, Heliogabalo alimenta a consciência e o orgulho de um rei; mas o seu organismo de menino é assaltado por uma confusão e por uma angústia que nunca cessarão.

Heliogabalo surge no período anárquico da alta religião do sol e, historicamente, num período de anarquia.

Isso não impede a sua identificação ritual, o seu esforço de identificação com deus. Isso não impede que no seu ataque impiedoso à anarquia politeísta romana, se comporte como autêntico sacerdote de um culto

unitário, como personificação de um deus único que é o sol.

Pois se, para Júlia Moesa, Elagabulus é apenas um membro, uma espécie de estátua pintada para alucinar soldados, para Heliogabalo, Elagabulus é o membro erectil, a um tempo humano e divino. O membro-fôrça que repartem e que se reparte, que só repartido é usado.

O membro erectil é o sol, o cone da reprodução sobre a terra, como Elagabulus, o sol da terra, é o cone da reprodução no céu.

Urge pois ser o sol, ser (ter) Elagabulus em si-próprio, dar forma nova à vida.

No que se refere à identificação de Heliogabalo com o seu deus, os arqueólogos ora nos dizem que ele se substitui à divindade, ora que se esconde atrás dela, diferenciado.

Mas um homem não é um deus, e se o cristo é um deus feito homem, é como homem, segundo dizem, que morreu, e não como deus. E porque não se julgaria Elagabulus um deus feito homem, e porque haveriam de impedir o imperador Heliogabalo de pôr o deus à frente do homem e de esmagar o homem sob o deus?

Durante toda a sua vida Heliogabalo é atraído por esta imantação de contrários, por êste duplo esquartelamento.

De um lado,

O DEUS,

do

outro lado,

O HOMEM.

E, no homem, o rei humano e o rei solar.

E, no rei humano, o homem coroado e o descoroado.

Se Heliogabalo leva a anarquia a Roma, se surge como o fermento que precipita um estado latente de anarquia, a primeira anarquia está nele e devasta-lhe o organismo afundando-lhe o espírito numa espécie de loucura precoce que tem nome na terminologia médica actual.

Heliogabalo é o homem e a mulher.

E a religião do sol é a religião do homem, que porém nada pode sem a mulher, seu duplo, na qual se reflecte.

A religião do UM que se corta em DOIS para agir. Para SER.

UM e DOIS reunidos no primeiro androgino.

Que é ÉLE, o homem.

E ÉLE, a mulher.

Reunidos n'UM.

Há em Heliogabalo o duplo combate:

1. Do UM que se divide permanecendo UM. Do homem que devém mulher e continua perpetuamente homem.

2. Do Rei Solar, portanto do homem que aceita mal o eu humano. Que cospe o homem e acaba por lançá-lo à fossa.

Porque um homem não é um rei, e para êle como rei, rei solitário, deus feito carne, viver neste mundo é uma queda e uma estranha destituição.

Heliogabalo absorve o seu deus; come o deus dele como o cristão come o seu; e é no seu organismo de homem que lhe separa os princípios; distribui aquela luta de princípios pelas duplas cavidades da sua carne.

Eis o que Lamprídio não percebeu.

«Desposou uma mulher, a tímida Cornélia Paula, e consumou, diz êle, o casamento.»

O histórico admira-se de que Heliogabalo possa dormir com uma mulher, possa normalmente penetrar uma mulher; — o que num homossexual-nato seria uma estranha inconsequência e uma espécie de traição à sua homossexualidade, demonstra em Heliogabalo que êste pederasta religioso precoce sabe pensar.

Bem mais do que o Andrógino, o que nos aparece nesta imagem giratória, nesta natureza fascinante e dupla que descende de Vénus incarnada, e na sua prodigiosa inconsequência sexual, imagem ela própria da mais rigorosa lógica do espírito, é a ideia de ANARQUIA.

Heliogabalo é um anarquista-nato que suporta mal a coroa, e todos os seus actos de rei são actos de anarquista-nato, inimigo público da ordem pública; mas a sua anarquia, pratica-a êle em primeiro lugar em si-mesmo, contra si-mesmo, e da anarquia em que lança o governo de Roma pode dizer-se que a prega pelo exemplo e paga por ela o devido preço.

Quando o Galo se castra, e o cobrem de vestes de mulher, vejo nesse rito o desejo de eliminar uma contradição, de reunir de chofre homem e mulher, de obter a síntese dos dois em um, e fundi-los no macho e pelo macho. Porque era o macho o Iniciador.

Pouco faltou, dizem os historiadores, para que Heliogabalo cortasse, êle também, o seu membro.

Se isso é verdade, seria um êrro grave da parte de Heliogabalo; e penso que os historiadores da época, que não percebiam nada de poesia, e de metafísica ainda menos, terão tomado o falso pelo verdadeiro, a simulação ritual pelo acto real.

Que homens perdidos aqui e ali, sacerdotes, Galos sem importância, se dessem a uma prática que os destruia, isso servia certo a expressão do rito; mas Elagabalus, Sol sobre a terra, não deve perder o signo solar, deve operar unicamente no abstracto.

No sol, há a guerra, Marte; o sol é um deus guerreiro; e o rito do Galo é um rito de guerra: o homem e a mulher fundidos no sangue, a preço de sangue.

Na guerra abstracta de Heliogabalo, na sua luta de princípios, na sua guerra de virtualidades, há sangue humano como nas batalhas de homens (*), não um sangue irreal, imaginado, mas sangue verdadeiro, sangue que correu e pode voltar a correr; e se Heliogabalo não o verte na defesa do império é com êle que paga a sua poesia e as suas ideias.

A vida de Heliogabalo é toda ela anarquia agente porque Elagabalus, o deus unitário que religa o homem e a mulher, os polos hostis, o UM e o DOIS, é o aca-

(*) Chamada do tradutor a Jean-Arthur Rimbaud: «O combate espiritual é tão brutal como as batalhas de homens.»

bar das contradições, da anarquia e da guerra, mas pela guerra, e é também, nesta terra de contradição e desordem, o início da obra da anarquia. E a anarquia, levada ao ponto a que Heliogabalo a leva, é poesia realizada.

Há em toda a poesia uma contradição essencial. A poesia é multiplicidade triturada e incendiada. E a poesia, que estabelece a ordem, suscita primeiro a desordem, a desordem dos aspectos incendiados; provoca o choque dos aspectos que leva a um ponto único: fogo, gesto, sangue, grito.

Trazer a poesia e a ordem a um mundo cuja simples existência já é um desafio à ordem, é levar à guerra e à permanência da guerra, é fundar um estado de残酷deza incida, é suscitar uma anarquia sem nome, a anarquia das coisas e dos aspectos que acordam antes de soçobrarem de novo e se fundirem na unidade. Mas aquele que acorda esta anarquia perigosa é sempre a sua primeira vítima. E Heliogabalo é um anarquista que começa por devorar-se a si mesmo e acaba por devorar os seus excrementos.

Numa vida cuja cronologia é impossível e onde os historiadores, que lhe assinalam toda uma série de crueldades não datadas, vêem um monstro, vejo, eu, uma natureza de uma plasticidade prodigiosa, que sente a anarquia das coisas e se rebela contra as coisas.

Para mim, o homem que, lançando objectos rituais no forno que mandara construir à entrada do templo de Hércules, em Roma, grita:

«*Só isto, só isto é digno de um Imperador*», e dela-pida assim parte do tezouro não somente real mas sacerdotal; o homem que entra em Roma apertando nos braços a pedra cónica, o imenso falos reprodutor; que usa essa pedra como um princípio acima de tudo, maior do que tudo, e a passeia por Roma como imagem da unidade de tudo; que intenta unificar os deuses e faz abater à martelada, ante o seu deus, as estátuas dos falsos deuses de Roma, não é um idólatra, é um mago nascido dos seus próprios ritos e participando dos seus poderes.

*

* *

Na noite de 15 ou 16 de Maio de 217, Heliogabalo é levado aos soldados. A mãe, semi-nua, a soberba Júlia Soémia, empurrando à sua frente o pequeno Bassianus Avitus vestido de Caracalla, passa entre as fileiras de soldados, que acampam perto do templo, como se quizesse dar-se a cada um deles. Instalaram uma música romana no recinto privado do templo, música rude e seca, que plagia as cadências das orquestras sírias. Eso-térica e misteriosa, ritma a marcha de Soémia e de Heliogabalo através dos soldados. Estes, alertados por Gannys, nada ignoram do que vai passar-se.

Depois de uma ou duas voltas pelo acampamento, Elagabalus, envergando a púrpura romana, o pesado manto dos imperadores, instala-se no alto da muralha.

Dez mil tochas se acendem, reflectidas em espelhos

trazidos a coberto da noite. E surge um espectáculo inesperado:

Uma pintura de trinta côvados de alto, de vinte de largo, desce da muralha; a luz inumerável das tochas e dos espelhos cai a jorros sobre a pintura imensa onde está retratado um deus guerreiro: Heliogabalo-Caracalla; o traje de Caracalla com a cabeça de Heliogabalo. A cara de Heliogabalo transparecendo sob a fisionomia de Caracalla.

O acampamento aplaude, a música cessa. Gannys, oportuno, pronuncia um discurso:

GANNYS — Eis o filho de Caracalla.

Silêncio. Estupefacção. Os soldados entreolham-se.

De cabelos em desalinho, com os seios de fora, o colo arfante, no outro extremo do acampamento, Júlia Soémia resplandece de luzes.

JÚLIA SOÉMIA — Sim, eis o filho de Caracalla. Eis o deus que eu concebi nos seus braços.

Ninguém ri, ninguém protesta; é teatro bem dado, magnificamente estudado.

GANNYS — Está em Antíóquia um falso imperador, Macrinos, que não é filho de ninguém. Ele tomou a púrpura de Caracalla e o trono de Roma à custa do sangue de Caracalla. Exorto-vos a restabelecer o filho de Caracalla nos seus direitos. O jovem Bassianus Avitus deve recuperar no trono romano a herança dos Bassianidas. Em trinta guerras seguiastes Caracalla, saído de Séptimo Severo; em novas guerras seguireis Elagabalus Avitus, que descende de Caracalla.

Aqui, aplausos, explosão de alegria, grita que sobe de todo o acampamento.

As tochas tocam o chão. A aurora nasce. Ergue-se

um vento fresco. A tropa apresta-se e forma. Num cavalo leonado, Gannys põe-se à cabeça dos guerreiros.

*
* *

A batalha, em volta de Emesa, pode dividir-se em três fases.

Na primeira, Heliogabalo é plebiscitado pela tropa. Esta, sentindo que o seu gesto é rebelião declarada, faz de todo o seu campo uma trincheira e prepara-se para sustar o ataque das forças governamentais conduzidas por um dos chefes do pretório: Ulpius Juliano.

Este, que não crê na força da rebelião, lança um assalto sem esforço e sem convicção. Contemporiza, recusando-se a acreditar na sagrada de um monarca de quatorze anos.

Teria arrumado o assunto num dia, se tivesse atacado a fundo; mas, contando com a defecção expontânea da tropa de Heliogabalo, retira-se, depois de um simulacro de combate.

Na segunda fase, Juliano volta à carga, desta vez decidido a ir até ao fim. Mas tardou demais. Os sitiados ganharam consciência da sua força, e da hesitação dos sitiantes. No entanto, o combate é rude. Demora um dia inteiro, da aurora ao poente. A lua surge tarde: não como um décor: como uma força. É a lua de Domna e de Soémia, com a qual Ulpius Juliano nada tem a ver. Do alto das muralhas, a tropa de Heliogabalo incita

o adversário a virar casaca. Emissários de Gannys, misturados às hostes de Juliano, fazem-lhes ao ouvido promessas portentosas e distribuem ouro gratuitamente.

Nas hostes de Juliano começa a desenhar-se uma flutuação; embora os pretorianos se mantenham firmes, os mercenários debandam; até que os pretorianos, a quem Heliogabalo prometera a vida, abandonam Ulpius Juliano.

Monarca por monarca, Heliogabalo vale bem Diadumeno. Pois Macrinos, por seu turno, fizera aclamar outro reizinho, o seu filho Diadumeno, nascido com uma coroa natural na testa por saliência do osso frontal. Diadumeno tem dez anos e acaba de receber o título de Augusto. Ora, mal chega a rei, é notado pela sua crueldade. Manda serrar lentamente as partes genitais de alguns guardas que, segundo élle, não tinham gritado bem no dia da sua coroação. As coroações improvisadas abundam nesta parte ignorada da história.

Ante a deserção quase unânime das suas tropas, Juliano foge. Teria podido precipitar-se, à frente de duzentos ou trezentos soldados, no meio daquele negócio, daquela compra de vassalagens, daquêle leilão de consciências e de fidelidades apregoados do alto de uma muralha. Prefere desertar cobardemente do campo de batalha e, disfarçado de sacerdote, refugia-se no templo insignificante de um lugarejo sem nome, onde é reconhecido e apanhado. Dois dias depois, os emissários de Heliogabalo, anunciando a Macrinos o resultado da liça, atiram-lhe embrulhada em roupa suja a cabeça exangue de Juliano.

Macrinos, saído de Apameia com quinhentos pretorianos fiéis, contorna Emesa e volta a Antioquia cla-

mando vitória. De seguida, fingindo perseguir a debandada inimiga, reune a tropa firme que consegue apanhá-la e dirige-se para Emesa, crendo que poderá engulir de um só trago aquela massa heteróclita de homens comandados por três mulheres, dois enucos e um menino. Mas não contou com Gannys. E esta a terceira fase do combate.

Gannys conhece bem o país e não dá a Macrinos a vantagem de chegar a Emesa. Obriga-o ao lugar e ao momento próprios, quase sob os muros de Antioquia, numa garganta cerrada de penhascos onde já se haviam alcantilado os sírios.

São duas horas da tarde. O sol, que ilumina todo o vale, cega as legiões de Macrinos, que tem com élle a melhor tropa de Roma. Os soldados de Gannys atacam à uma por três vertentes distintas. Ainda que cegos de sol, e momentaneamente desamparados por este ataque circular, os legionários resistem e vencem a linha inimiga. A música das legiões romanas atroia os ares, levando à confusão os pretorianos que se passaram para Heliogabalo e já não sabem qual é o seu dever. Vêem na sua frente pretorianos como êles, usando as cores que um obscuro capricho da sorte os obriga agora a combater. Baixam as armas, dispostos a mudar de campo.

Sentindo isto, vendo diante deles como um muro a frente unida da guarda do pretório, os mercenários macedónios, os cavaleiros scitas, os voluntários sírios que ostentam a flâmula vermelha da Fenícia, lançam por terra armas e bandeiras e esboçam a fuga. Gannys, no seu cavalo leonado, acode e intenta segurá-los, fazendo gestos bizarros com os cotovelos e com os braços, que sucessivamente cruza e descruza sobre os pei-

toriais resplandecentes. Trabalho perdido. É então que as duas Júlias, Moesa a avó, e Soémia a mãe, descem do seu carro e se lançam no combate.

À sua volta jazem cadáveres crivados de flechas; e flechas perdidas continuam a sulcar os ares. Dos cadáveres, arrancam duas espadas, de entre os mortos apanharam um escudo, saltam sobre cavalos em corrida, erguem do chão a bandeira escarlate e lançam-se a galope e sem dizer palavra no meio da refrega. Sulcam duas, três vezes o grosso das suas tropas em debandada; por sua vez, Heliogabalo acode. O seu manto de púrpura ondula ao vento, estraleja como o pendão das suas mães. Os pretorianos vêem e reconhecem um chefe. Os mercenários, exaltados pela carga heróica das duas mulheres, levantam as suas bandeiras, e os oficiais, que os sentem de novo na mão, realinharam-nos. Uma carga unânime cunha como uma moeda os legionários de Macrinos, leva-os de vencida, atinge o triângulo inexpugnável dos pretorianos. Segue-se uma misturada terrível em que a velha Júlia Moesa estoca de ponta e de gume, e Júlia Soémia, como ébria, desvia setas e volta a dispará-las, abrigada no seu escudo.

Se as duas mulheres golpeiam o centro, Heliogabalo, seguido de mil cavaleiros scitas e tendo Gannys a seu lado, crava nos flancos de Macrinos uma ponta perigosa, executa um vasto movimento envolvente. A fortaleza dos pretorianos parece estremecer nos seus alicerces, fremir, rodar sobre si-mesma como um cavalo espantado. O sol mudou. Heliogabalo, que corre à rédea solta na retaguarda de Macrinos, tem agora no rosto os raios do sol poente. A grande distância à sua frente vê correr as bandeiras das suas mães. Um mugido grave,

contínuo, sobe do campo de batalha num odor de poeira, de sangue, de animais mortos, de couro queimado; um bramido ensurdecedor de ferro entrado e de gritos estridentes de feridos. Na distância maior, sombras correm a terra unidas aos raios vermelhos do sol, estriado em sulcos imensos. Macrinos, o débil Macrinos, ouve o crescendo do combate. Sente que a partida que julgara ganha entra numa fase de desfavor. No entanto, nada está perdido, apenas é necessário resistir; e Macrinos não sabe resistir. Não é dos que resistem. Desvaria. Já tem perto a investida de Heliogabalo. Júlia Moesa e Júlia Soémia, que não conseguiram atravessar a dura linha dos pretorianos — ligados, e como que fundidos uns nos outros — evoluem deante deles bramindo e esfacelando aqui e ali crânios que avultavam aquém da linha nunca vencida. Macrinos descobre à sua direita, entre a tropa que se deglacia membro a membro e como que bocado a bocado, uma pequena anfractuosidade. Despe a púrpura, atira-a para os ombros do primeiro oficial que encontra, lança a coroa à cabeça de um general e desaparece esporeando o cavalo. Vendo isto, os seus pretorianos baixam as armas e voltam-se para Heliogabalo que chega e recebe uma tripla ovação.

*

* *

Finda a batalha, conquistado o trono, trata-se de entrar em Roma com espavento. Não como um Sép-

timo Severo, seguido das suas legiões armadas, mas à maneira de um verdadeiro rei solar, de um monarca que recebe do alto a sua supremacia efémera, que a conquista pela guerra mas entende fazer esquecer a guerra.

Os historiadores da época desfazem-se em epítetos sobre as festas da coroação, sobre o carácter ornamental e pacífico que patentearam. Sobre o luxo inaudito com que decorreram. Deve dizer-se que a coroação de Heliogabalo começa em Antióquia no fim do estio de 217 e termina em Roma na Primavera do ano seguinte, depois de um Inverno passado em Nicomédia, na Ásia.

Nicomédia é a Riviera, a Deauville da época, e é a propósito desta vilegiatura que os historiadores começam a ficar doidos de raiva.

Eis o que diz Lamprídio, que parece o Joinville (*) deste S. Luís da Cruzada do Sexo, que usa um sexo de homem como sinal da cruz, da lança e da espada.

«Num inverno que o Imperador passou em Nicomédia, como ele se comportasse da forma mais indigna, admitindo homens a um comércio recíproco de torpezas, os soldados depressa se arreenderam do que haviam feito, e lembraram com amargura a sua conspiração contra Macrinos; e começaram a pensar em Alexandre, primo do novo príncipe, ao qual o Senado, após a morte de Macrinos, conferira o título de César. Pois quem poderia suportar um príncipe que entregava à luxúria todas as cavidades do seu corpo, e até de animais a sofria. Chegou ao ponto de só querer saber de

(*) Cronista francês (1224-1317) que escreveu sobre a vida de S. Luís e sobre as Cruzadas deste príncipe. (N. do T.)

Roma através de emissários encarregados de procurar com a maior minúcia os homens mais providos para a satisfação dos seus gostos abjectos, e de introduzi-los no palácio afim de gozar deles.

«Também se deleitava na representação da fábula de Páris, em que fazia de Vénus, arrojando ao chão todas as suas vestes e, completamente nu, com uma das mãos no peito e a outra sobre as partes genitais, ajoelhava elevando o posterior, oferecendo-o aos seus companheiros de deboche. Maquilhava-se como é de uso pintar o rosto de Vénus, e cuidava de que todo o seu corpo estivesse sempre perfeitamente polido, considerando como a maior vantagem da vida verem-no apto a satisfazer os gostos libidinosos do maior número possível.»

A caminhada até Roma faz-se em pequenas etapas e, à passagem da escolta imperial, da escolta imensa que parece arrastar atrás dela os povos que atravessa, manifestam-se falsos imperadores.

Bufarinheiros, operários, escravos que, vendo chegado o reino da anarquia e pulverizadas todas as regras da sucessão, crêm poder ser reis, êles também.

Não contente de tomar o trono por um tablado, de dar o exemplo da indolência, da depravação e da desordem às terras por onde passa, eis que atira para um palco as províncias do império e gera falsos reis. Nunca tão belo exemplo de anarquia foi dado ao mundo, já que, para Lamprídio, aquela representação ao vivo e ante cem mil pessoas da fábula de Vénus e de Páris, com as miragens que provoca, com o estado de febre

que suscita, é anarquia perigosa; é teatro e poesia colocados no plano da realidade mais verídica.

Porém, analisadas detalhadamente, as censuras de Lamprídio não colhem. Certo que Heliogabalo faz do trono romano um palco de fantoches, mas introduz nele o teatro, e, com o teatro, a poesia, na casa augusta do trono de Roma, no palácio do imperador, e a poesia, quando real, merece sangue, justifica o derramamento de sangue.

É que, tão íntimos ainda dos antigos mistérios, e sobre a linha de aspersão do Tauróbolo, os personagens assim levados à cena não deviam comportar-se como meras alegorias: encarnavam fôrças da natureza, quer dizer, da segunda natureza, que corresponde ao círculo interior do sol, ao segundo sol como diz Juliano, o sol que é entre a periferia e o centro — e sabe-se que só o terceiro sol é visível —, deviam conservar uma fôrça de elemento puro.

Aparte isto, Heliogabalo pode dar aos usos e costumes romanos tratos de polé, atirar às ortigas a toga romana, endossar a púrpura fenícia, dar o exemplo de anarquia que, para um imperador, é vestir roupas estrangeiras e, para um homem, vestir roupas de mulher, cobrir-se de pedras raras, de pérolas, de plumas, de corais, de amuletos. Onde os romanos acusam anarquia é em Heliogabalo fidelidade a uma ordem, o que significa que este cenário caído do céu sobe ao céu por todos os lados.

*

* *

Na magnificência de Heliogabalo não há nada de gratuito, como o não há nesse maravilhoso ardor de desordem que é a aplicação de uma ideia metafísica e superior de ordem, isto é, de unidade.

Ele aplica a sua ideia religiosa de ordem como uma baforada de fumo na cara do mundo latino; e aplica-a com rigor extremo, com um sentido de perfeição rigorosa onde há uma ideia oculta e misteriosa de perfeição e de unificação.

Heliogabalo empreende a desmoralização divertida e sistemática da consciência e do espírito latinos; iria ao ponto limite dessa subversão se tivesse vivido o suficiente para levá-la a bom termo.

Não podemos negar a coerência das suas ideias, nem duvidar da obstinação com que as impõe. Este monarca de quatorze anos é um mitónomo no sentido concreto e literal da palavra. Isto é, vê os mitos e abre-lhes lugar. Por uma vez, talvez única na História, impõe mitos reais. Lança uma ideia metafísica no turbilhão de efígies latinas e terrenas em que já ninguém crê; o mundo latino menos que qualquer outro.

Pune o mundo latino por já não acreditar nos seus mitos nem em mito algum, e não se priva de manifestar desprezo por aquela raça de agricultores natos, de cara sempre virada para o chão, e que nunca fez mais do que agachar-se, à espera do que há-de sair.

*

* *

O anarquista:

Nem Deus nem senhor. Eu.

No seu trono, Heliogabalo é a lei. O senhor. A sua lei pessoal será a lei de todos. Impõe a tirania. No fundo, todo o tirano é um anarquista coroado que acerta o mundo pelo seu compasso.

Mas na anarquia de Heliogabalo há ainda outra ideia. Julgando-se deus, identificando-se com o seu deus, nunca cai no êrro de inventar uma lei humana, uma absurda e ridícula lei humana através da qual êle, um deus, falaria. Configura-se na lei divina de que é um iniciado, e deve reconhecer-se que à parte alguns excessos, algumas diversões sem importância, nunca perde a sua visão mística de deus encarnado que obedece ao rito milenário de deus.

Quando chega a Roma, expulsa os homens do Senado e substitui-os por mulheres. Para os romanos, é anarquia, mas para a religião que fundou a púrpura tória, é apenas um restabelecer o equilíbrio, é um regresso natural à razão; pois é à mulher, que nasceu primeiro, que cabe a regência da lei.

*

* *

Heliogabalo chegará a Roma na Primavera do ano de 218, depois de uma estranha marcha de sexo, de um desencadear fulgurante de júbilos através de todos os Balkãs.

Ora corre à disparada no seu carro coberto de doceis, e atrás dele o Falos de dez toneladas metido numa caixa que parece abrigar um mamute; ora tardando, mostrando os seus tezouros, a sua fábrica de sumptuosidade, e organizando desfiles bizarros para multidões imbecis e temerosas. O Falos, sobre a carreta descomunal, quase ao nível do chão, rodas largas como coxas de elefantes, puxado a trezentos touros enlouquecidos por matilhas de hienas ululantes mas acorrentadas, atravessa a Turquia europeia, a Macedónia, a Grécia, os Balkãs, a Áustria, numa corrida de zebra.

Depois, de tempos a tempos, toca a música. Param. Retiram os doceis. O Falos é montado no seu pedestal, tirado a cordas, de ponta para o ar. E saem os pedrastas e os actores, as bailarinas e os Galos castrados e mumificados.

Porque há um ritual dos mortos, um ritual da triagem, dos sexos, dos objectos feitos de membros de homem esticados, negros na ponta como endurecidos ao fogo, pendurados de varas como candeiros num túnel, como ferros de um corpo de lanceiros; suspensos como badalos sobre arcos de ouro recurvo; espetados em chapas enormes como furos numa armadura—rodopiam nas fogueiras, entre as danças dos Galos que alguns homens, sobre andas, põem a dançar como se estivessem vivos.

E sempre no paroxismo, no frenesim, quando as vozes enrouquecem e entram num contralto genésico e feminino, Heliogabalo, tendo sobre o pénis uma aranha de ferro que deita sangue a cada movimento excessivo das coxas polvilhadas de açafraão; com o membro afogado em ouro, recamado de ouro, imutável, rígido,

inútil, inofensivo, aparece envergando a tiara solar, o manto carregado de pedrarias, comido de luzes.

A sua entrada tem o valor de uma dança, de um passo de dança maravilhosamente bem marcado, embora nada tenha de um bailarino. Um silêncio, e erguem-se as fogueiras, recomeça a orgia, a orgia seca. Heliogabalo amassa os gritos, dirige o ardor genésico e calcinado, o ardor de morte, o rito inútil.

Ora, aqueles instrumentos, aquela pedraria, aqueles chapins, aqueles fatos e tecidos, aquela soma interminável de músicas de corda e de percussão, de crótalos, de címbalos, de liras gregas, de sistros, de flautas, etc., aquelas orquestras de flautas, de asores, de harpas e de nébeis; e também as bandeiras, os animais, as peles, as plumas, toda aquela sumptuosidade monstruosa guardada nos confins por cinquenta mil homens de tropa montada que julga carrear o sol, tudo aquilo forma sentido. Um sentido ritual poderoso, como todos os actos de Heliogabalo imperador têm um sentido, ainda que a História assevere o contrário.

Heliogabalo entra em Roma na manhã de um dia de Março do ano 218, ao romper da aurora, num período que mais ou menos corresponde aos idos de Março. Entra de costas viradas à cidade. Diante dele, o Falos, arrastado por trezentas raparigas de seios nus precedendo os trezentos touros, agora calmos e amordorados pelo narcótico bem doseado que lhes ministraram horas antes.

Entra numa girândola de plumas que estalejam ao vento como bandeiras. Atrás dele, a cidade doirada, vagamente expectral. À sua frente, o rebanho odorante das donzelas, os touros sonolentos, o Falos recoberto

de ouro cintilando sob o imenso guarda-sol. Dos lados, a dupla fila dos supradores de crótalos, de flautas, de pífaros, dos portadores de alaúdes, dos percutores de címbalos assírios. Mais atrás, as liteiras das suas três mães: Júlia Moesa, Júlia Soémia, Júlia Mamoea, a cristã sonolenta que não se apercebe de nada.

Na entrada de Heliogabalo em Roma, ao romper da aurora, durante os primeiros dias dos idos de Março, existe, não sob o ponto de vista romano mas sob o ponto de vista do sacerdócio siríaco, a aplicação desviada de um princípio transformado em rito poderoso. Existe, sobretudo, um rito que, do ponto de vista religioso, diz o que diz, mas, do ponto de vista dos costumes romanos, quer dizer que Heliogabalo entra em Roma como dominador, mas pelo traseiro, e que o seu primeiro acto de posse é fazer-se enrabar pelo império romano.

Findas as festas da coroação, marcadas por esta profissão de fé pederástica, Heliogabalo instala-se com a avó, a mãe, e a irmã desta última, a perfida Júlia Mamoea, no palácio de Caracalla.

*

* *

Heliogabalo não esperou pela sua entrada em Roma para proclamar o estado de anarquia declarada, para dar a mão à anarquia quando a encontra vestida de teatro e de poesia.

É certo que mandou cortar a cabeça de cinco obscuros rebeldes que em nome da sua individualidadezi-

nha democrática, da sua individualidade de coisa nenhuma, ousam reivindicar a coroa real. Mas favo-
riza o surto de um actor, de um rebelde genial que ora se faz passar por Apollonius de Tyana, ora por Alexandre o Grande, e que, ostentando a coroa de Scander(*), talvez roubada por élle das bagagens do imperador, se exibe vestido de branco aos povos das margens do Danúbio. Em vez de persegui-lo, Heliogabalo dá-lhe uma parte das suas tropas e uma frota de guerra, para que vá subjugar os Marcomanos (**).

Mas, nesta frota, todos os barcos estão sabotados, e um incêndio no meio do mar Tyreu, ateado por sua ordem, desembaraça-o, através de um naufrágio de teatro, da tentativa do usurpador.

*
* *

Heliogabalo imperador porta-se como um rascão e

(*) *Scander*. Em Fabre de Olivet: «...os celtas) deram aos partidários de Rama um nome mais piedoso que desprezivo. (Para os celtas) os partidários de Rama eram somente um povo transviado: *Eskwander*. Com o decorrer do tempo, e passando de povo em povo, este epíteto, ilustrado por inúmeros sucessos, acabou por equivaler a uma honraria e foi concedido aos chefes mais valorosos, tornando-se nome genérico de todos os heróis experimentados em grandes feitos. Poucas nações tiveram um Scander. O primeiro de todos, Rama, foi chamado Scander de dois cornos porque o seu signo era o Carneiro. Este par de cornos foi depois singularmente celebrado. Puzeram-no na cabeça de todas as grandes figuras teocráticas. Deu a forma de tiara à mitra. Enfim, é de observar que o último dos Scanders, Alexandre o Grande, conservou o nome do primeiro. O nome Alexandre é formado do antigo Skander, a que se junta o artigo árabe El.»

(**) Antigo povo germânico que invadiu a Itália vindo da Boémia. — *Notas do tradutor*.

como um libertário irreverente. Na primeira reunião de alguma solenidade, pergunta brutalmente aos grandes do Estado, aos nobres, aos senadores na disponibilidade, aos legisladores de toda a ordem, se não tinham eles também conhecido a pederastia durante a juventude, se não tinham praticado a sodomia, o vampirismo, o sucubato, a fornicação com animais, e faz essas perguntas, diz Lamprídio, nos termos mais crus.

Vê-se daqui Heliogabalo fardado, atravessando, com os seus meninos e mulheres, por entre os velhos barbaças, dando-lhes pancadinhas na barriga e perguntando se não tinham também levado no cu quando jovens; êstes, lívidos de vergonha, baixam a cabeça sob o ultrage, comem aquela humilhação.

Ia mais longe ainda: mimava em público, com gestos, o acto da fornicação.

Lamprídio: «Chegava a representar obscenidades com os dedos da mão, tão comum era nele a afronta a todo o pudor durante as assembleias e na presença do povo.»

Mais do que mofa ou infantilidade, é o desejo de manifestar violentamente a sua individualidade, o gosto em que tem o primário: a natureza tal qual ela é.

É fácil atribuir a puberdade e a demência tudo o que nele é rebaixamento sistemático da ordem e corresponde a um desejo concertado de desmoralização.

Vejo em Heliogabalo não um doido, mas um insurrector.

I — Contra a anarquia politeísta romana.

II — Contra a monarquia romana, que ele faz enrabar em si-mesmo.

Mas nele as duas revoltas, as duas rebeliões dão-se as mãos, dirigem toda a sua conduta, horizontam todos

os seus actos, mesmo os mais insignificantes, durante os quatro anos do seu reinado.

A sua insurreição é sistemática e sagaz e dirige-a em primeiro lugar contra si próprio.

Quando se veste de prostituta e se vende por quarenta reis às portas das igrejas cristãs, dos templos dos deuses romanos, não persegue apenas a satisfação de um vício: humilha o monarca romano.

Quando promove um bailarino a chefe da sua guarda pretoriana, instaura uma anarquia incontestável mas perigosa. Achincalha a cobardia dos monarcas seus antecessores, os Antoninos e os Marco Aurélios, e acha que um bailarino chega muito bem para comandar um esquadrão de polícias. À fraqueza chama força, ao teatro, realidade. Espreme a ordem estabelecida, as ideias, as noções comuns das coisas. Pratica a anarquia minuciosa e perigosa, pois expõe-se aos olhos de todos. E isso é de um anarquista corajoso.

A sua empresa de destruição de valores, de monstruosa desorganização moral prossegue quando escolhe os seus ministros pela enormidade dos seus membros.

Lamprídio: «Pôs à frente da sua guarda da noite o cocheiro Gordius, e nomeou merceeiro um certo Cláudius que era censor de costumes; todos os outros cargos foram distribuídos segundo a enormidade dos membros dos eleitos. Nomeou procuradores do vigésimo sobre as sucessões um arrieiro, um atleta, um cozineiro e um serralheiro.»

O que não o impede de aproveitar toda aquela desordem, aquele relaxamento cínico dos costumes, e de fazer da obscenidade um hábito; exibe, obstinadamente,

como um obcecado e um maníaco, aquilo que todos escondem.

«Nos festins, diz ainda Lamprídio, preferia a companhia dos prostitutas, comprazendo-se no seu contacto, e era das suas mãos que recebia com mais gôsto a taça, depois deles terem bebido.»

Todas as formações políticas, todas as formas de governo procuram, antes de mais, ter mão na juventude. E Heliogabalo também tem a mão na juventude latina, mas para pervertê-la sistematicamente.

Lamprídio: «Concebera o projecto de estabelecer em cada cidade, como prefeitos, pessoas que fazem profissão da corrupção da juventude. Roma teria quatorze; se não fosse eliminado, teria levado avante tal projecto, disposto como era a cumular de honrarias o que há de mais abjecto e os homens das mais baixas profissões.»

De resto, não podemos duvidar do profundo desprezo de Heliogabalo pelo mundo romano da época.

«Demonstrou, mais de uma vez, um tal desprezo pelos senadores que lhes chamava escravos de toga; para ele, o povo romano não passava de cultivador de um fundo de terras, e não prestava qualquer atenção à ordem dos cavaleiros.»

O seu amor do teatro e da poesia em liberdade manifesta-se na ocasião do seu primeiro casamento:

Faz colocar junto dele, durante todo o rito romano, uma dezena de energúmenos bêbedos que gritam sem cessar: «Fura, enterra», com grande escândalo das gazetas da época, que são omissas quanto às reacções da noiva.

Heliogabalo casou-se três vezes. A primeira com Cornelia Paula, a segunda com a primeira vestal, a terceira com uma mulher que tinha a cabeça de Cornelia Paula; depois divorcia-se e retoma a vestal; depois, retoma Cornelia Paula. Note-se que Heliogabalo não se apodera da primeira vestal como um marajá da guerra de 14 faz sua a primeira bailarina da Ópera de Paris e casa com ela, mas sim com uma intenção blasfematória e sacrílega que provoca a fúria de um outro historiador, Dião Cassius.

«Este homem, diz ele, que deveria ter sido vergastado, lançado no cárcere, exposto nas gemónias, leva para a cama a guardiã do fogo sagrado e desflora-a no meio do silêncio de todos.»

Noto, eu, que Heliogabalo é o primeiro imperador que terá ousado desafiar esse rito de guerra, a guarda do fogo sagrado, e que polui, como era seu dever, o templo do Palladium.

Erige um templo ao seu deus em pleno centro da devoção romana, substituindo um pequeno templo insípido consagrado a Jupiter Palatino. Destruído êste, constroi no mesmo lugar uma cópia mais faustosa, mas menos ampla, do templo de Emesa.

O zélo de Heliogabalo pelo seu deus, o seu amor dos ritos e do teatro têm a mais contente manifestação no casamento da Pedra Negra com uma esposa

digna dele. Tal esposa, manda-a êle procurar por todo o império. Assim, até na pedra terá cumprido o rito sagrado, demonstrado a eficácia do símbolo. E o que toda a História considera como mais uma loucura e mais um acto inútil e pueril, é para mim a prova material e rigorosa da sua poética religiosidade.

Heliogabalo, que detesta a guerra, cujo reinado não foi sujo por nenhuma guerra, não dará a Elagabalus por esposa o Palladium que lhe propõem, o Palladium sanguinário que nas mãos de Pallas (que melhor se chama Hecate como a noite de que provém) embala o nascimento dos futuros guerreiros; dar-lhe-á a Tanit-Astarté de Cartago, cujo leite corre tépido, longe dos sacrifícios oferecidos a Moloch.

Que importa que o Falos, a Pedra Negra, tenha na base oculto uma espécie de sexo de mulher cinzelado pelos próprios deuses. Mediante tal união, Heliogabalo indica que o membro está activo e opera, pouco importa se em efígie e no abstracto.

*

* *

Um estranho ritmo intervém na sua crueldade: êste iniciado faz tudo com arte e a dobrar. Quero dizer: sobre dois planos. Todos os seus gestos têm duas caras.

Ordem, Desordem,
Unidade, Anarquia,
Poesia, Dissonância,
Ritmo, Discordância,

Grandeza, Puerilidade,
Generosidade, Crueldade.

Do alto das torres do seu novo templo do deus pítio,
arroja trigo e membros de homens.

Alimenta um povo castrado.

Decerto não há alaúdes, tubas, orquestras de asores no meio das castrações impostas, mas impostas como outras tantas castrações pessoais, como se fosse ele próprio, Elagabalus, o castrado. Do alto das torres, no dia das festas do deus pítio, sacos de sexos são lançados com a mais cruel abundância.

Mas não garanto que uma orquestra de asores ou de nébeis de cordas gemebundas, de ventres duros, não toque escondida algures, nas profundas das torres espiraladas, para abafar os gritos dos castrados; a êsses gritos de homens martirizados respondem porém quase ao mesmo tempo as aclamações de um povo em júbilo, pelo qual Heliogabalo reparte o valor de muitos campos de trigo.

E a música que disto sai ultrapassa as orelhas para atingir os espíritos, sem instrumentos e sem orquestras. Quero dizer que os rataplãs, as variações de frágeis orquestras nada são ao pé desse fluxo e refluxo, dessa maré que vai e vem, com estranhas dissonâncias, da generosidade à crueldade, do amor da desordem à busca de uma ordem inaplicável ao mundo latino.

Repto que, à parte o assassinato de Gannys, o único crime que se lhe pode imputar, Heliogabalo mostrou ser em todas as ocasiões muito económico de sangue humano, e só deu morte às criaturas de Macrinos, que era um assassino e um traidor. Em todo o seu reinado há desproporção flagrante entre o sangue derramado e os homens realmente executados.

Não é conhecida a data exacta da sua coroação, mas sabe-se o preço das prodigalidades que o tezouro do império pagou por esse dia. Foi de tal vulto que comprometeu a própria segurança material do imperador e lhe empenhou as finanças durante todo o seu reinado.

Não pára no desejo de igualar a munificência dos gastos à ideia do que deve ser um rei.

Substitui um burro por um elefante, um cão por um cavalo, um gato tigrado por um leão, e onde estava previsto um cortejo de crianças põe todo o colégio das bailarinas sagradas.

De todo o modo a amplidão, o excesso, a fartura, a desmesura. A generosidade e a piedade mais pura equilibram a crueldade espasmódica.

Chora na rua vendo a miséria do povo.

Mas faz procurar por todo o império marinheiros de membros avultados, a que dá o nome de Nóbeos, prisioneiros, antigos assassinos que lhe devolverão todos os assaltos genéticos e, com a sua espantosa grosseria, corporizarão a turbulência dos festins.

Inaugura com Zoticus o nepotismo da picha!

«Sob Heliogabalo, houve um certo Zoticus que adquiriu tal importância que todos o tratavam como se fosse marido do imperador. Este Zoticus, abusando do seu título de familiaridade, sobreestimava todas as palavras e actos de Heliogabalo. Ambicioso das maiores riquezas, ameaçando uns, aliciando outros, enganava todo o mundo, e, quando saía dos aposentos do príncipe, dizia ao primeiro que encontrava: "Hoje falei-lhe de si... Eis o que ele disse... O que vai acontecer é o seguinte...", que é como procede esta espécie de gente quando admitida ao convívio dos príncipes com excessos de familiaridade; mercam o nome do seu senhor, seja ele bom ou mau; e, graças à tolice ou à inexperiência dos grandes, que de nada se apercebem, engordam com o prazer de divulgar infâmias...»

Chora como menino que é ante a traição de Hieróclés; mas, em vez de usar a sua crueldade contra esse cocheiro de baixo estofo, volta-a contra si e pune-se, fazendo-se flagelar até ao sangue por ter sido traído por um cocheiro.

Dá ao povo o que o povo quer:

PÃO E JOGOS

Mesmo quando alimenta o povo, fá-lo com lirismo, com essa levedura de exaltação que é a base de toda a verdadeira magnificência. E o povo nunca é atingido, nunca é ferido pela sua tirania sanguinária que nunca erra o alvo.

Os que ele condena às galeras, castra, faz açoitar, são recrutados entre os aristocratas, os nobres, os pedrastas do séquito privado, os parasitas do palácio.

Prossegue sistematicamente, já o disse, a perversão e a destruição de todos os valores e de toda a lei, mas o que é admirável, e prova a decadência irremediável do mundo latino, é que tenha podido, durante quatro anos consecutivos e à vista e ao lado de todos, prosseguir esse trabalho sem que ninguém tenha erguido um protesto: a sua queda não ultrapassou a importância de uma vulgar revolução de palácio.

*
* *

Mas se Heliogabalo anda de mulher em mulher como anda de cocheiro em cocheiro, anda também de pedra em pedra, de vestido em vestido, de festa em festa e de ornamento em ornamento.

Através da côr e do sentido das pedras, da forma do fato, do ceremonial da festa, da jóia que lhe bate na pele, o seu espírito empreende estranhas viagens. E é então que o vêem empalidecer, o vêem tremer na ânsia de um lampejo, de uma aspereza a que possa agarrar-se no meio da queda pavorosa de tudo.

E é então que se manifesta uma espécie de anarquia superior onde a sua profunda inquietação pega fogo; e vai de pedra em pedra, de luz em luz, de forma em forma e de fogo em fogo como se fosse de alma em alma, numa misteriosa odisseia interior que depois dele ninguém retomou.

Vejo monomania perigosa, para os outros e para quem a ela se entrega, no cuidado de mudar todos os dias de fato, de pôr sobre cada novo fato uma pedra, sempre outra, que corresponde aos signos do céu. É mais do que o amor do luxo dispendioso, a propensão para o esbanjamento inútil—é o testemunho de uma imensa, de uma insaciável febre do espírito, de uma alma sedenta de emoção, de movimento, de deslocação, e que tem o amor da metamorfose. Seja qual for o preço que se pague, seja qual for o risco que se corre.

E no facto de convidar para a sua mesa os estropiados, e de todas as vezes variar de enfermos e de enfermidades, vejo um gôsto inquietante pela doença e pelo doente, gôsto que chegará à maior dimensão da doença, quero dizer, ao contágio perpétuo com a amplitude de uma epidemia.

E também isto é anarquia, mas espiritual e especiosa, e tanto mais cruel, tão mais perigosa quanto mais subtil e dissimulada.

Ocupar um dia inteiro numa refeição significa que se introduziu o espaço na digestão alimentar, que um repasto iniciado à luz da manhã termina à luz do poente depois de atravessar os quatro pontos cardiais.

E porque de hora a hora, de prato para prato, de casa em casa e de horizonte em horizonte, Heliogabalo desloca-se. O fim do repasto indica que se rolhou a rolha, se completou o círculo no espaço e, no círculo, os dois polos da digestão.

Heliogabalo levou ao paroxismo o culto da arte, a

prática do rito e da poesia entre a mais absurda magnificência.

«Os peixes de que se servia eram sempre cozidos num molho azulado como a água do mar e conservavam a sua cor natural. Tomou durante algum tempo banhos de vinho com rosas. Dele bebia, com todos os seus, e perfumava de nardos as estufas. Substituiu por bálsamo o óleo dos lampadários. À excepção da esposa, nunca mulher alguma o teve mais de uma vez. Em sua casa, abriu lupanares para os seus amigos, as suas criaturas e os seus servos. Uma ceia nunca lhe custou menos de cem sestércios e nesse terreno superou Vitelius e Apicius. Utilizava bois para tirar o peixe dos viveiros. Um dia, quando atravessava o mercado, chorou, ao ver a miséria do povo. Divertia-se a atar os seus parasitas à roda de uma azenha, e ora os mergulhava na água, ora os alteava. Chamava-lhes então os seus queridos Ixiões.»

Não somente o mundo romano, mas a própria terra e a paisagem de Roma foram modificadas por ele.

Lamprídio: «Diz-se que deu naumaquias sobre lagos escavados pela mão do homem e depois repletos de vinho; que os mantos dos que ali lutaram eram perfumados de enanto; que levou até ao Vaticano carros atrelados a quatro elefantes e que para isso mandou arrasar os túmulos que obstavam à sua passagem; que, no Circo, para seu espectáculo privado, fez atrelar camelos.»

A sua morte é a coroação da sua vida. Justa para os romanos, justa para ele. É a morte ignominiosa de um rebelde, mas de um rebelde que morre pelas suas ideias.

Ante a irritação geral provocada pelos seus excessos, e alimentada pela péruida Júlia Mamoea, Heliogabalo deixa-se dobrar. Aceita como coadjutor uma fraca efígie de si próprio, uma espécie de segundo imperador, o pequeno Alexandre Severo, filho de Júlia Mamoea.

Mas se Elagabalus é homem e mulher, não é dois homens ao mesmo tempo. Isso seria uma duplicação, um insulto ao princípio que lhe corre nas veias.

Insurge-se, mas em vez de recorrer ao povo e de lançá-lo contra o seu rival, ao povo que o ama, a ele, Heliogabalo; que beneficiou das suas larguezas; que o viu chorar sobre a sua miséria—tenta fazê-lo assassinar pela sua guarda pretoriana, que continua entregue a um bailarino e da qual não suspeita a rebelião declarada. E é contra ele que a sua própria polícia, acatada por Júlia Mamoea, volta então as armas. Mas Júlia Moesa intervém. Heliogabalo pode fugir a tempo.

Tudo acalma. — Heliogabalo poderia ter contemporizado, sofrido junto a si esse pálido imperador que lhe faz sombra e que, se não tem por élle o amor do povo, tem o dos militares, da polícia e dos grandes.

Mas é aqui que Heliogabalo se mostra por inteiro um espírito fanático e indisciplinado, um verdadeiro rei, um insurrecto, um individualista frenético.

Contemporizar, submeter-se, é consagrar a derrota sem defender a vida, pois Júlia Mamoea não se deterá. Entre a monarquia absoluta e o seu filho só se interpõe um peito, um grande coração para o qual esta cristã só tem ódio e desprezo.

Vida por vida. A de Alexandre Severo ou a sua. Eis o que, em todo o caso, Heliogabalo percebeu bem. E,

pondendo-se de parte, decide que será a de Alexandre Severo.

Depois deste primeiro sobressalto, os pretorianos tinham acalmado. Tudo voltara à ordem, mas Heliogabalo encarrega-se de reacender a fogueira e a guerra.

Sublevada por emissários, uma arraia miúda de boleiros, de histriones, de mendigos, de músicos, tenta invadir a álea do palácio onde em certa noite de Fevereiro de 222 repousa Alexandre Severo em aposento contíguo ao de Júlia Mamoea. Mas o palácio está cheio de guarda armada. O fragor das espadas desembainhadas, dos escudos brutalmente golpeados, dos címbalos de guerra que chamam a tropa espalhada por todas as salas do palácio, basta para pôr em fuga aquele povo quase desarmado.

É então que a guarda em armas se volta contra Heliogabalo. Procura-o por todo o palácio. Júlia Soémia acorre. Encontra Heliogabalo. Grita-lhe que fuja. Acompanha-o na fuga. Os gritos dos perseguidores vêm de todos os lados, as suas pesadas correrias fazem estremecer as paredes, um pânico indescritível apodera-se de Heliogabalo e da sua mãe. Aonde quer que estejam vêm a morte. Fogem pelos jardins que dão para o Tibre, pela linha de sombra dos grandes pinheiros. Num recanto afastado, depois de espessas filas de buxo odorante e de carvalho verde, abrem-se ao vento as latrinas da tropa, escavadas como sulcos que arassem a terra. O Tibre está demasiado longe. Os soldados, a um passo. Doido de medo, Heliogabalo salta para as latrinas, mergulha no excremento. É o fim.

A tropa, que o viu, cerca-o. E a sua própria guarda

o agarra pelos cabelos. É uma cena de magarefe, uma carnificina repugnante, uma velha imagem de mata-douro.

Os excrementos misturam-se com o sangue, irrompem com o sangue no gume das espadas que devastam as carnes de Heliogabalo e da sua mãe.

Depois, içam os corpos, carreiam-nos à luz de archotes, arrastam-nos pela cidade diante da populaça aterrorizada, diante das fachadas das casas patrícias que abrem as janelas para aplaudir. Uma multidão imensa marcha agora para o cais, sobre o Tibre, no rastro daquela pobre massa de carne exangue e suja.

«Atirem-nos ao esgôto», clama agora a populaça que aproveitou da liberalidade de Heliogabalo, que a digeriu velozmente.

«Para o esgôto os dois cadáveres, Heliogabalo ao esgôto!»

Farta do sangue e da visão obscena dos dois corpos nus que mostram destruídos todos os seus órgãos, mesmo os mais secretos, a tropa tenta agora introduzir o corpo de Heliogabalo na primeira boca de esgôto que encontra. Mas, embora delgado, ainda é muito largo. Há que solucionar. A Elagabalus Bassianus Avitus, dito Heliogabalo, já fora acrescentado o nome de Varius, porque provindo de múltiplos sémens nascera de uma prostituída; deram-lhe ainda o nome de Tiberiano e Arrastado porque foi arrastado e atirado ao Tibre depois de tentarem metê-lo por uma boca de esgôto; mas a boca de esgôto não lhe deu passagem, ainda tinha as espáduas muito largas, e então decidiram limá-lo. Assim, partiram-lhe a pele, pondo

à mostra o esqueleto que queriam intacto; com o que ainda poderiam ter-lhe posto nome de Limado e Polido.

Mas, uma vez limado, continua largo, e atiram-no ao Tibre, que o arrasta para o mar, seguido, a alguns remoinhos de distancia, pelo cadáver de Júlia Soémia.

Assim acaba Heliogabalo, sem inscrição e sem túmulo, mas com funerais atrozes. Morre como cobarde, mas em rebelião declarada; e uma tal vida, coroada por tal morte, dispensa, parece-me, conclusões.

APÊNDICE I

O CISMA DE IRSHU

Fabre d'Olivet, na sua *História Filosófica do Género Humano*, fala longamente de uma separação primeira de essências, que deve ser entendida simultaneamente no plano divino e no plano humano, sendo este último plano o reflexo e, por assim dizer, a contrapartida histórica do primeiro: acção celeste que, na origem de tudo, só agencia forças puras.

O caso é que, muito depois da chegada dos Indús às terras do Palistão, os povos, grandes amadores de metafísica, começam a guerrear-se por uma questão de princípios que fez correr mais sangue do que todas as guerras modernas e durante muito mais tempo.

Enquanto em séculos bárbaros, como êstes em que vivemos, as maiores lutas espirituais não ultrapassam a forma de repartir sobras de alimentos entre povos extenuados e literalmente mortos de fome, a pré-história conheceu tempos gloriosos para o homem, que então ainda lutava por ideias.

Àqueles a quem o assunto possa interessar, aos que vêem na metafísica algo mais interessante do que a busca das 100 melhores posições para o amor físico, isto é, àqueles cujo espírito, que nisso apenas segue a

sua lei orgânica, ainda é capaz de ir até aos princípios, pode dizer-se — e limito-me a seguir Fabre d'Olivet — que durante longo tempo os homens acreditaram na existência de um princípio único, de natureza espiritual, causa de tudo.

Um dia porém esses mesmos homens, baseados no estudo da música, fazem uma descoberta aterradora: a origem das coisas é dupla, e não simples como julgavam; o mundo, longe de descender de um só princípio, é produto duma *duidade combinada*. Impossível duvidar; os factos são êsses; os factos, quer dizer, a análise transcendente da música, ou melhor, da origem dos sons. Tão longe quanto possa ir-se na origem dêstes, encontramos dois princípios actuando paralelamente e combinando-se para fazer nascer a vibração. Para além desse ponto vibratório está só a essência indescritível, o abstracto inexcrutável, o absoluto indeterminado, «o Inteligível», como diz Fabre d'Olivet.

E entre «o Inteligível» e o mundo, a natureza, a criação, está a harmonia, a vibração, a acústica que é a primeira via, a mais subtil e maleável, que une o abstracto ao concreto.

Mais do que o gôsto, a luz, o tacto, mais do que a emoção apaixonada, mais do que a exaltação da alma entre as razões mais puras, é o som, é a vibração acústica o que domina o gôsto, a luz, o nascimento das paixões mais sublinhas. E se a origem do som é dupla, então tudo é duplo. Aqui se inicia o desvario. E a anarquia que engendra a guerra e o massacre dos sectários. Porque, se há dois princípios, um é macho e outro fêmea.

Porém, e eis o motivo da peleja: os partidários do

Macho não acreditam na coexistência dos princípios e para eles o Macho inteligível permanece único na origem de tudo.

E num país como a Índia, que crê na preeminência de um princípio único de natureza macha, o cisma de Irshu representa, numa época ante-histórica, a facção dos partidários conduzidos por Irshu contra os partidários do homem, conduzidos por Tarak'hyan, irmão de Irshu.

A guerra terminará pelo esmagamento da mulher, cujos partidários refluem desordenadamente sobre territórios imensos e acabam por fixar-se nas margens do Mediterrâneo.

O tempo alterou-lhes o nome; e sendo Pallis (ou Pastores) tornam-se Yonis (Vaginas) e por fim Pinkshas (Ruços), do nome dos mênstruos que comiam em inconfessáveis repastos.

Vermelho, alterado pelo amarelo dos humores mens-truais, eis a origem da púrpura de Tiro, célebre em toda a antiguidade.

APÊNDICE II

A RELIGIÃO DO SOL NA SÍRIA

Para terminar, eis como interpreto a profusão de templos, de cultos antagónicos, a respiração das pedras, as excisões sangrentas, os estrondos do céu—e todo esse estridor sagrado que, duzentos anos depois de Cristo, a Síria de Heliogábalos ainda emite, tremendo num círculo quase satânico entre os ritos do sangue.

A religião da Síria é mágica porque conservou, de maneira concreta, a noção dos grandes princípios. E o Paganismo, no seu sentido iniciático e superior, é a preocupação dos grandes princípios que ainda continua a girar e a viver no sangue dos indivíduos. E a noção dos princípios é a noção da luta que na origem os princípios tiveram de travar para estabilizar a criação.

O Paganismo, nos seus ritos e festividades, reproduz o Mito da criação primeira e inteira, de que o Cristianismo, que exalta a Redenção, celebra apenas uma parte, e somente no plano histórico, enquanto o Paganismo a celebra totalmente e no seu princípio.

E a religião pederástica de Heliogábalos, que é a religião da separação do princípio, só é repugnante porque perdeu esta noção transcendente, porque soçobra no erotismo da criação em acto e sexualizada.

APÊNDICE III

O ZODÍACO DE RAMA

As doze divisões do Zodíaco de Rama correspondem ao 12, que é o número da natureza na tradição pitagórica. Ora, é curioso constatar que 12 é o número da justaposição dos dois princípios: Deus, a Natureza; o Espírito, a Matéria; o Homem, a Mulher — mas tomados no seu estado inerte, ainda por operar, e quando ainda são o 1 e o 2.

Mas por sua vez 12 é obtido pela multiplicação de 3 por 4:3, no princípio, por 4, no sensível. Pode pois dizer-se que as 4 grandes raças humanas correspondem como ecos orgânicos às divisões do Zodíaco de Rama, queridas por Deus.

NOTA DO TRADUTOR

O livro «Heliogabalo ou o anarquista coroado», de Antonin Artaud, foi publicado em Paris, nas edições Denoël et Steele, em 1934, com a tiragem de 105 exemplares. Embora a sua total diversidade e autonomia no conjunto da obra do poeta, pode hoje ser lido como uma ante-escrita do testamento poético iniciado no México em 1936 e publicado nove anos depois com o título «*Au pays des tarahumaras*».

Em 1967, o texto que nos conta a história de Elagabalus Bassianus Avitus quase tão bem como a do próprio Artaud, é inserido no sétimo volume das *Obras Completas* publicadas pela casa Gallimard, que lhe junta o texto de *Les nouvelles révélations de l'etre* e o de algumas cartas do período 1933-1937.

Manuel Grangeio Crespo verteu para português e a Editorial Minotauro editou *O teatro e o seu duplo*, de Antonin Artaud. Fechada esta editora ninguém mais até hoje reimprimiu essa obra do poeta em quem André Breton, verdade que depois de tê-lo infamado nos termos mais inconcebivelmente grosseiros vinte anos antes, saudou o homem que mais longe e mais temerariamente levou a aventura surrealista.

A presente tradução provisória é a do texto definitivo das *Obras Completas*, na reimpressão de 1970, de que se dá também a seguinte

NOTA

Se *Heliogabalo* é sobretudo obra de um poeta, é também obra de erudição. Antonin Artaud obrigou-se a longas e pacientes pesquisas e leu numerosos textos, tanto antigos como modernos.

Além dos autores antigos citados ao longo do texto, Artaud consultou:

Artemidoro de Efeso, naturalista grego nascido em Efeso no século II, autor de um tratado de *Interpretação dos Sonhos*, traduzido em 1664 por Dumoulin e geralmente intitulado *A Chave dos Sonhos*.

Heliodoro, novelista grego do século III, autor das *Etiópicas ou Theageno e Caricleia*.

Censorinus, gramático e cronologista latino do século III.

Sextus Empíricus, filósofo céptico, astrónomo e sábio médico grego do século III, dá nas suas obras indicações sobre a astrologia caldeia.

Eusébio, historiador grego, séculos III-IV, viveu em Antioquia e foi bispo de Cesareia. Graças a ele chegaram até nós fragmentos da *História Fenícia*, do escritor fenício Sanconiatão, e da *Apologia* que Melitão, bispo dos Sardos, na Lídia, endereçou a Marco Aurélio.

(Consultados ainda: *Mémoire sur l'origine et le caractère véritable de l'histoire phénicienne qui porte le nom de Sanchoniaton*, por Ernest Renan (1853), e *Observation sur la stèle phénicienne de Byblos*, por René Dussand [1909].)

Os historiadores latinos do século IV: Ameano Marcelino, Aurélio Victor, Júlio Capitolino, Eutropo.

Macrônio, filólogo, filósofo do século V, autor das *Saturnais*.

Zózimo, historiador bizantino da segunda metade do século V.

Constantino Porfirogeneta, imperador bizantino (905-959), autor do *Tratado das Cerimónias* e do *Livro da Administração*.

Xifilino, historiador bizantino do século XI, conhecido pelo seu *Abreviado* dos XLV últimos livros de Deão Cassius.

João Zonaras, cronista bizantino do século XII, autor de um *Manual de História Universal* que vai da origem do mundo até ao ano 1118, obra importante sobretudo pelos textos hoje perdidos e então consultados.

Enfim, Artaud estudou no Louvre os bustos de Heliogabalo e dos seus próximos e, no Gabinete de Medaillhas, as moedas e medalhas da época.

Fontes modernas:

Ernest Babelon, *Le Cabinet des Antiques à la Bibliothèque Nationale* (1887-1889). — *Traité des Monnaies grecques et romaines* (1901).

Auguste Bouché-Leclercq, *Histoire de la divination dans l'Antiquité* (1879-1881). — *L'Astrologie grecque* (1899).

Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye, *Manuel d'Histoire des Religions*, traduzido do alemão por Hubert e Levy (1904).

Pierre-Jean-Baptiste Chaussard, dito Publicola: *Helio-gabale, ou Esquisse morale de la dissolution romaine sous les empereurs* (1802).

Henry Cohen, *Description historique des monnaies frappées sous l'Empire romain, communément appelées médailles impériales* (1859-1862).

Georges Contenau, *La Civilisation phénicienne* (1926).

Franz Cumont, *Les Cultes d'Asie Mineure dans le Paganisme romain. — Les Religions orientales dans le Paganisme romain* (1906).

Charles Daremberg, tradução do *Traité sur la gymnastique* de Filostrato (1858). — *Etat de la Médecine entre Homère et Hippocrate* (1869).

Charles Daremberg e Edmond Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et modernes d'après les textes et les monuments* (1877-1906).

Louis Delaporte, *La Mésopotamie* (1923).

Georges Duviquet, *Héliogabale, raconté par les historiens grecs et latins*, prefácio de Remy de Gourmont (1903).

Ignaz Johann Joseph van Dollinger, *Paganisme et Judaïsme* (1858).

Victor Duruy, *Histoire des Romains depuis les temps les plus reculés jusqu'à l'invasion des barbares* (edição de 1879).

René Dussaud, *L'Ere d'Alexandre le grand en phénicie*

(1908). — *Mission dans les régions désertiques de la Syrie moyenne* (1903). — *Notes de mythologie syrienne* (1903-1905). *Le royaume d'Hamat et de Lou'ouch au VIII^e siècle avant J. C.* (1908). — *Voyage en Syrie — octobre, novembre 1895* (1899). *Le sacrifice en Israel et chez les Phéniciens* (1914). *Topographie de la Syrie antique et médiavale* (1927).

Joseph Hilar Eckel, *Descriptio numorum Antiochae Syryae, sive specimen artis criticae numariae* (1786). — *Doctrina numerum veterum* (1792-1798) e mais particularmente *Emesa* no volume III *continens reliquam Asiam Minorem et regiones deinceps in ortum sitas*.

Butler Orma Ficht, *Studies in the life of Elagabalus* (1908).

Charles Fossey, *La Magie assyrienne* (1902).

Edward Gibbon, *Histoire de la décadence et de la chute de l'Empire romain*, traduzido do inglês por M. F. Guizot (1812).

Antonio de Guevera, *Libro aureo de Marco Aurelio* (1529), imitado em francês por Antoine Allègre sob o título, *Décade contenant les vies des empereurs* (1556).

Victor Henry, *La Magie dans l'Inde antique* (1904).

Henri Hubert e Marcel Mauss, *Esquisse d'une théorie générale de la Magie* (1904).

Marie-Joseph Lagrange, *Etude sur les Religions sémitiques* (1903).

Sébastien Lenain de Tillemont, *Histoire des empereurs* (1690).

François Lenormant, *Monnaies et Medailles* (1983).

— *Sol Elagabalus* (1881). — *Histoire ancienne de l'Orient jusqu'aux guerres médiques* (continuada por Ernest Babellon) (1881-1885). — *Manuel d'Histoire ancienne de*

l'Orient jusqu'aux guerres médiques (1869). — *Les Bétyles* (1881).

Jean Lombard, *L'Agonie* (1888).

Gaston Marmier, *Recherches géographiques sur la Syrie antique* (1895).

G. R. S. Mead, *Apollonius de Tyane, le philosophe réformateur du I siècle de notre ère* (1901), traduzido do inglês em 1906.

Théodore-Edme Mionnet, *Description des médailles antiques grecques et romaines* (1806-1837).

Théodore Mommsen, *Histoire romaine* (1882). — *Manuel des antiquités romaines* (com a colaboração de Joachim Marquardt), traduzido do alemão sob a direcção de Gustave Humbert (1887-1907). — *Histoire de la monnaie romaine*, traduzida pelo duque de Blacas (1865-1875).

Georges Perrot e Charles Chipiez, *Histoire de l'Art dans l'antiquité* (1882-1914).

Edward Pococke, *India in Greece, or Truth in mythology, containing the sources of Hellenic races* (1851).

Ernest Renan, *Mission de Phénicie* (1864). — *Des Religions de l'antiquité et de leurs derniers historiens* (1853).

Albert Réville, *Apollonius de Tyane*. Este texto, publicado na *Revue des Deux Mondes*, 1 de Outubro de 1865, é largamente citado por Jean Réville no capítulo intitulado «Apollonius de Tyane et le Christ», de Jean Réville, *La Religion à Rome sous les Sévères* (1921).

François Thureau-Dangin, *Rituels accadiens* (1921).

Cornelis Petrus Tielle, *Histoire comparée des anciennes religions de l'Egypte et des peuples sémitiques*, tra-

duzida do holandês por G. Collins, prefácio de Réville (1882).

Alguns dos títulos que precedem são publicações da *Revue de l'Histoire des Religions* (Anais do Museu Guimet), da *Revue archéologique* e da *Revue des Deux Mondes*.

Foram procurados elementos na *Revue des études anciennes* (1902-1905), onde se encontram os estudos sobre a astrologia gaulesa, por La Ville de Mirmont, a *Astrologie en Gaule au Vème siècle* (volumes 4, 5, 8, 9 e 11), e em *Archiv fur Religionswissenschaft*, onde foi publicado em 1908 um artigo de von Domaszewski, *Die politische Bedeutung der Religion von Emesa*.

Forneceram ainda elementos, o *Grand Dictionnaire Larousse*, a *Grand Encyclopédie*, o *Dictionnaire de la Bible*, de Vigouroux, a *Biographie universelle ancienne et moderne*, de Michaud, e a *Nouvelle Biographie générale*, de Firmin Didot, publicada sob a direcção do dr. Hoefer.

O I M A G I N Á R I O

1. *AMOR NO FENO E OUTROS CONTOS*, D.H. Lawrence
2. *HELIOGABALO*, Antonin Artaud
3. *A PELE CALEJADA*, Raymond Guérin
4. *A CIDADE PROIBIDA*, Victor Segalen
5. *O MARINHEIRO QUE PERDEU AS GRAÇAS DO MAR*, Yukio Mishima
6. *NO VAZIO DA ONDA*, Robert Louis Stevenson
7. *As FORMIGAS*, Boris Vian
8. *CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA*, Yukio Mishima
9. *HISTÓRIA IMORTAL*, Karen Blixen
10. *O TEMPLO DOURADO*, Yukio Mishima
11. *A CASA DAS BELAS ADORMECIDAS*, Y. Kawabata
12. *HISTÓRIAS INQUIETAS*, Joseph Conrad
13. *A VIRGEM E O CIGANO*, D.H. Lawrence
14. *MORTE A CRÉDITO*, L.F. Céline
15. *A NOITE DA IGUANA E OUTRAS HISTÓRIAS*, Tennessee Williams
16. *As LOJAS DE CANELA*, Bruno Schulz
17. *A DEDICATÓRIA*, Botho Strauss
18. *INFERNO*, August Strindberg
19. *A CAMPÂNULA DE VIDRO*, Sylvia Plath
20. *O CÉU QUE NOS PROTEGE*, Paul Bowles
21. *A CONFISSÃO IMPUDICA*, Junichiro Tanizaki
22. *A MISSA DO GALO*, Paul Bowles
23. *O JOVEM PERSA*, Mary Renault

1991

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO

NA GUIDE — ARTES GRÁFICAS, LDA.



8.81. CARNA
N. Aeneas. Quam per lumen cernerem puer a locutum
est ad. Tantum me teneat cetera. Tamen dico
Iacob. Lectorum nesciuntur quae res sunt. Nesciunt
sparsim deinde procul a mece cerner. Tamen
hunc ordinu' rite. Et cerner. plures.
tercium poterit prouta que audi. cunctis.

o imaginário 2